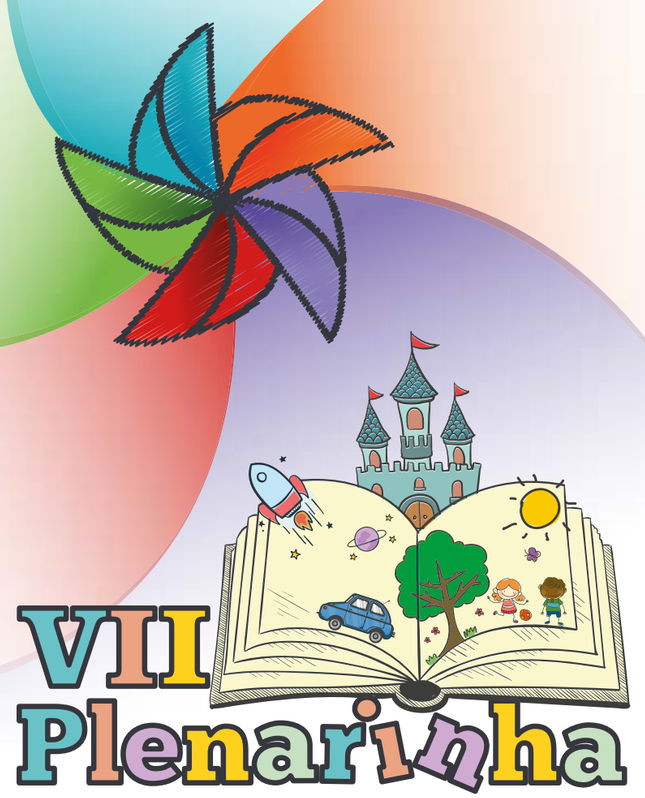
VII Plenarinha

Brincando e Encantando com Histórias

Secretaria de Educação

GDF

Governo do Distrito Federal
Secretaria de Estado de Educação



Brasília, abril de 2019

VII Plenarinha
Brincando e Encantando com Histórias

Ficha Técnica

Valdério Costa

Governador de Brasília
Ibaneis Rocha

Secretário de Estado de Educação do Distrito Federal
Rafael Parente

Subsecretária de Educação Básica
Jackeline Domingues Aguiar

Diretora de Educação Infantil
Andréia Pereira de Araújo Martinez

Diretoria do Ensino Fundamental
Marli Dias Ribeiro

Diretoria de Serviços e Projetos Especiais de Ensino
Ana Karina Braga Isac

Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais de Educação
André Lúcio Bento

Equipe Técnica
Agilson Carlos de Andrade Arruda
Ana Neila Torquato de Arimatéa Ferreira
Andrea Cardoso Batista
Andréia Pereira de Araújo Martinez
Daniela Lobato do Nascimento
Fernanda Godoy Angelini
Ione da Costa Melo Silva
Janaina Vieira Pinto
Jaqueline Fernandes
Leda Carneiro Aguiar
Paula da Silva Moreira Carvalho
Regina Lúcia Pereira Delgado
Stephanie Caroline Soares Gurgel
Teresinha Rodrigues Pereira

Estagiária
Eulália Ferreira de Oliveira Santos

Colaboradores
Débora Cristina Sales da Cruz Vieira
Ildete Batista do Carmo
Ivete Mangueira de Souza Oliveira
Kátia Oliveira da Silva
Michelle de Oliveira Pinto
Renata Pacini Valls Carvalho
Valdério Costa
Viviane Carrijo Volnei Pereira

Revisão Técnica
Andreia Pereira de Araújo Martinez

Revisão Final
Taiguara Raiol Alencar

Capa e Diagramação
Laiana Dias (ASCOM)

Fotografia
Adriana Franzin
Ana Neila Torquato
Luis Tavares
Mary Leal

"Se as histórias vêm até você, cuide delas.
E aprenda a deixá-las ir, onde são necessárias.
Às vezes, para se manter viva, uma pessoa
precisa de um história mais do que de alimento".
(Barry Lopes)

Valdério Costa

JI 106 - Santa Maria | Mary Leal

Sumário

Convite.....9

Venha conosco nesta viagem.....10

Entrevista com Alessandra Roscoe.....12

Currículo em Movimento do Distrito Federal - E o Mundo Encantado das Histórias.....15

Ancestralidade: O passado presente no ato de contar histórias.....17

Vamos brincar de histórias contar? Contação de histórias: seus segredos e encantos.....19

As histórias e o desenvolvimento infantil.....24

Literatura: refletindo sobre os tempos, espaços e materiais.....26

Literatura infantil: Construindo identidades e celebrando nossa diversidade.....29

UniVerso da Literatura e Alfabetização: Na magia das histórias um uniVerso para conhecer e explorar novas culturas, modos de ser e estar no mundo!.....31

A importância das práticas de letramento literário na Educação Infantil e no processo de Alfabetização: Pensando a transição.....34

Como fazer "livros" com as crianças?.....36

Bibliotecando.....39

Vale a pena conhecer quem anda espalhando histórias e incentivando a Literatura no Distrito Federal.....41

Compartilhando experiências.....46

Cronograma.....76

Vamos registrar.....77

Referências.....78

“”Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas.
(Manuel de Barros)

Valdério Costa

Valdério Costa

Convite

Era uma vez... é, na verdade,
a abertura de um grande portão.
Por ele, um passa sozinho,
mas passa, também, uma multidão.

Do outro lado, está, sempre à espera,
uma senhora bem velha,
mas, se tivermos outro modo de ver,
ela pode ter acabado de nascer.

Como é ela?
Ora, ora...
Depende de quem ouve,
de quem conta ou de quem lê.

E então, vamos brincar de histórias contar?
A quem aceitar meu convite prometo aventuras mil:
uma viagem à Lua, um passeio ao fundo do mar
ou algo novo que se queira inventar.

De mãos dadas, atravessaremos o portão.
Na volta, traremos uma boa história
para guardar na memória
e ela fazer morada no coração.

A passagem pelo portão não tem prazo ou validade.
Pode-se ir e vir a qualquer momento, com qualquer idade.
Basta dar o tempo de um, dois, três...
e dizer com vontade: Era uma vez...

(Ana Neila Torquato)

Valdério Costa

Venha conosco nesta viagem...

Plunct, Plact, Zum! Venha se aventurar pelas páginas que se descortinam e embarcar nesta viagem...

Na primeira estação de embarque desta grande aventura, apresentamos este Guia da **VII Plenarinha da Educação Infantil** e, convidamos você a proporcionar o protagonismo às crianças, "Brincando e Encantando com Histórias".

Para vivenciar essa magia é preciso acreditar no potencial dos bebês, das crianças bem pequenas e crianças pequenas como ouvintes, leitoras e autoras, capazes de imaginar e criar, como protagonistas, no universo encantador que envolve a literatura. E, pensando na transição da Educação Infantil para os Anos Iniciais, este projeto abraça também as crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental.

Esse olhar para as potencialidades das crianças manifesta o compromisso com a promoção de uma educação de qualidade voltada para assegurar os direitos de aprendizagem e desenvolvimento expressos no Currículo em Movimento do Distrito Federal – Educação Infantil (2018, 2ª ed.). Assim, você é nosso parceiro na proposição de situações de escuta, leitura e autoria com e entre as crianças, inclusive entre os bebês.

Mas, antes de seguir viagem, vamos retomar, brevemente, a história da Plenarinha da Educação Infantil, para compreender como chegamos até aqui. A I Plenarinha da Educação Infantil ocorreu em 2013, consoante ao Plano Distrital pela Primeira Infância, com o objetivo de fortalecer o protagonismo da Primeira Infância, incluir a opinião das crianças e torná-las partícipes na elaboração do Currículo em Movimento da Educação Básica – Educação Infantil (2013, 1ª ed.), por meio da escuta sensível às crianças.

A experiência de escuta sensível às crianças foi exitosa e resultou no interesse em manter o projeto nos anos seguintes, abordando a cada ano, temas que evidenciam a criança como sujeito de direitos e como protagonista em seu processo de constituição de aprendizagem e desenvolvimento.

Em 2014 aconteceu a II Plenarinha, "**Eu - cidadão da Plenarinha à Participação**", que teve como principal objetivo possibilitar às crianças da Educação Infantil o exercício de cidadão ativo, conhecedor de seus direitos e deveres.

A III Plenarinha ocorreu em 2015, "**Escuta sensível às crianças: uma possibilidade para a (re)construção do Projeto Político Pedagógico**", que subsidiou e instrumentalizou o debate em torno da (re)construção do Projeto Político Pedagógico, a partir da escuta sensível às crianças.

A IV Plenarinha, em 2016, foi "**A cidade (e o campo) que as crianças querem**", teve como proposta promover e favorecer o diálogo com as crianças sobre os espaços e os lugares por elas ocupados.

Em 2017, a temática da V Plenarinha foi "**A criança na natureza: por um crescimento sustentável**". Seu objetivo foi aproximar a criança da natureza e construir uma relação de reciprocidade e compreensão do quanto ela é necessária, a partir do despertar no interesse em conhecer, usufruir, cuidar e conservar a partir das atividades, interações e experiências que promovessem o desenvolvimento do conhecimento sustentável.

"**O Universo do Brincar**" foi o tema da VI Plenarinha, no ano de 2018, que destacou a importância do brincar no processo de desenvolvimento da criança. Teve como objetivo vivenciar o brincar, a brincadeira e o brinquedo como ferramenta para aprender, desenvolver e expressar-se de maneira integral.

O tema escolhido, mediante votação das unidades escolares, para a VII Plenarinha, em 2019, é "**Brincando e Encantando com Histórias**", com foco no universo do brincar e da literatura. O brincar é um dos seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento da criança, descritos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e refere-se aos contextos das brincadeiras, corroborados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), que propõe a organização curricular pelo eixo integrador de interações e brincadeiras.

Mas por que a ênfase continua no brincar? Porque o brincar faz parte do universo infantil. É a principal forma de expressão e interação da criança com o mundo. É na brincadeira que ela vivencia muitas questões relacionadas à liberdade, imaginação, criação, respeito, compartilhamento, expressão corporal, entre outros aspectos.

Contar histórias é, também, uma brincadeira. É entrega à fantasia, à imaginação e à criação. A literatura para bebês, crianças bem pequenas, crianças pequenas e para as crianças que vivenciam a transição para o Ensino Fundamental, é considerada por muitos autores como um ato de brincar. Pois, as crianças se envolvem com a contação de histórias, com o formato dos livros e com suas imagens e cores, entre outras vivências.

Continuando nossa viagem, nas páginas que se descortinam, temos a entrevista com a escritora Alessandra Roscoe, que discute a importância das histórias para a constituição de aprendizagem e desenvolvimento das crianças das mais diversas idades e, sobretudo, dos bebês.

Seguida de um convite a realização de atividades integradas que contemplem os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento: brincar, conviver, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Além disso, os cinco campos de experiências: 1) Eu, o outro e o nós; 2) Corpo, gestos e movimentos; 3) Traços, sons, cores e formas; 4) Escuta, fala, pensamento e imaginação; 5) Espaço, tempo, quantidade, relações e transformações. Todos definidos na BNCC (2017) e no Currículo em Movimento do Distrito Federal – Educação Infantil (2018, 2ª ed.).

O ato de contar histórias não se restringe ao professor(a), mas se estende à própria criança, que também pode, a seu modo, fazer a leitura de um livro e contar suas próprias histórias ou criar novas histórias.

Ler, contar, compartilhar e criar histórias: as possibilidades são infinitas e precisam ser vivenciadas, de forma a colaborar para o protagonismo e o desenvolvimento infantil/estudantil.

Ao virar de cada página, nos deparamos com diversas abordagens: como a ancestralidade do ato de contar histórias; que a contação de histórias é uma atividade essencial tanto para a criança quanto para o adulto, capaz de fortalecer o vínculo entre ambos; que a literatura é uma atividade que colabora para o desenvolvimento integral das crianças; a necessidade de se refletir sobre os espaços, tempos e matérias no contexto educativo para organização das atividades que envolvem a literatura; a importância de se discutir a diversidade, representatividade e o respeito por meio das histórias; que o processo de alfabetização não se constitui em uma necessidade na Educação Infantil; que as múltiplas formas de transição precisam ser consideradas e abordadas por meio da literatura; que a criança pode imaginar e criar suas próprias histórias e, também, fazer seus próprios livros e, por fim, compartilhamos a relação de bibliotecas da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e de bibliotecas públicas do DF.

Creche Cantinho de Você
Núcleo Bandeirante | Mary Leal

Mas antes de acabar, retratamos a viagem que realizamos por várias Unidades Escolares Públicas e Parceiras do DF, para conhecer esses contextos educativos e os projetos que são realizados acerca da literatura, com suas histórias e brincadeiras, envolvendo os bebês, as crianças bem pequenas, as crianças pequenas e as crianças do Ensino Fundamental, pois em ambas as etapas da Educação Básica, é essencial que a criança vivencie o mundo encantado das brincadeiras e das histórias.

Assim, convidamos você para adentrar o universo infantil e vivenciar com as crianças o tema desta VII Plenarinha da Educação Infantil. Continue sua viagem neste mundo mágico do "Brincando e Encantando com Histórias"!!!

Jardim de Infância 302 Norte - Plano Piloto
Mary Leal

Entrevista com Alessandra Roscoe

Alessandra Roscoe nasceu em Uberaba-MG, mas foi em Brasília que ela cresceu, se tornou jornalista e, depois da maternidade, encontrou inspiração para escrever para crianças e desenvolver projetos ligados à mediação de leitura. Autora de mais de 40 livros publicados, Alessandra Roscoe é hoje, um dos grandes nomes da literatura brasiliense e idealizadora do Projeto "Uniduniler, todas as letras". Alessandra conversa conosco sobre suas criações e a importância das histórias para a primeiríssima infância.

Além de escritora, você criou o Clube de Bebês Leitores, que fomenta literatura com bebês, no que consiste esse trabalho?

Na verdade o clube de bebês leitores foi uma das primeiras sementes do "Uniduniler todas as letras". Éramos 15 famílias com os filhos bebês na mesma creche. Separei uma mala com 30 livros, cada família comprou outros dois e começamos com este acervo de 60 livros a trocar experiências leitoras entre nós, semanalmente. A ideia de realizar os encontros na própria creche, no momento em que os pais iam buscar os filhos, foi boa, pois não criava um compromisso a mais na rotina já tão carregada de todos. No dia do encontro eu abria a mala dos livros no chão da creche, e as crianças junto com os pais experimentavam ali mesmo algumas leituras partilhadas antes de escolherem o livro que levariam para casa. A avó de um dos sócios fundadores do clube dos bebês leitores, confeccionou uma sacola que era maior que os bebês, mas que eles penduravam no pescoço e "vestiam" para guardar os livros que escolhiam. É importante dizer que a gente lia apenas pelo prazer das leituras no colo, ninguém tinha que desenhar ou fazer nada além de ler o livro. Na semana seguinte, trocávamos os livros e muitas conversas sobre as leituras. O Clube durou quase quatro anos e além dos sócios, ganhou uma rede de amigos. Realizávamos, além dos encontros semanais na creche, momentos festivos, abertos à comunidade com a presença de escritores, ilustradores, mediadores de leitura e contadores de história.

Na sua opinião, quais os principais ganhos para os bebês que tem contato com a literatura desde cedo?

O ganho principal é emocional. Bebês que leem desde cedo, tornam-se crianças mais seguras, afetivas e desenvolvem com os livros e com a leitura uma relação prazerosa. Há também, muitos benefícios cognitivos, como o desenvolvimento da linguagem e de várias capacidades, mesmo motoras e psíquicas. A criança que lê desde o ventre e no colo estabelece um potencial enorme de transitar também no mundo simbólico, de imaginar, criar, ousar.

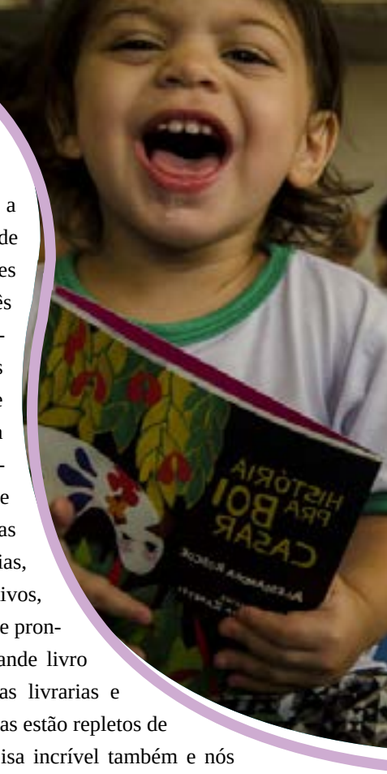
Podemos dizer que bebês são leitores?

Claro que sim! Os bebês leem o tempo todo, leem as vozes desde o quarto mês de gestação (por isso tão fundamental ler em voz alta, cantar e conversar com a barriga), leem gestos, olhares e mesmo o mundo simbólico com uma capacidade incrível de perceber detalhes e de imaginar mundos.

Na sua opinião é preciso um acervo de livros específicos no trabalho de mediação de leitura com bebês?

Este é um ponto muito controverso. Eu acredito que durante a gestação e mesmo nos primeiros meses de vida, o livro é o que menos importa, pois a voz afetiva é que torna-se a grande poesia dos momentos de leitura partilhada. Quando o bebê já começa a interagir, segurar o livro, aí sim, podemos pensar em livros específicos e é bom que se saiba que há muita confusão quanto aos livros que eles, os mais miúdos gostam. Não precisa ter barulhos, cores demais, elementos visuais complexos. Claro que ilustrações de qualidade, textos que falem com eles e reflitam a realidade deles, o cotidiano deles. O objeto livro também pode ser uma experiência à parte. Eu acho que livros de pano, de borracha, de morder, são um meio de se estabelecer o vínculo com os livros, talvez até uma forma de brincar ou começar a brincar de ler, mas acho fundamental oferecer aos pequenos textos poéticos e profundos, também. A poesia é sempre uma porta de entrada muito rica quando se fala em leitura para a primeira infância.

Adriana Franzin



Adriana Franzin

Como escolher um título para esse período da infância?

Livros com textos em verso, poemas, parlendas, cantigas, são sempre muito bem-vindos. É preciso que se entenda o bebê e a criança na primeira infância, como seres plenos e cheios de potencial, achar que eles são menores ou incapazes de compreender as leituras mais complexas é um grande erro. Eles são seres poéticos e têm uma capacidade muito maior do que nós adultos, de transitar pelo mundo simbólico. É um erro achar que só livros de morder, sem texto e cheios de diminutivos, formas ou frases soltas, são os que os bebês gostam.

O que falar dos livros disponíveis para bebês no Brasil?

Há muitos livros bacanas que encantam bebês, crianças e pessoas de qualquer idade. No clube de bebês leitores, nós vivenciamos na prática a desconstrução das chamadas faixas etárias de leitura. Livros que eram indicados pelas próprias editoras para crianças de 8, 9 ou 10 anos, no colo dos pais era best-seller do Uniduniler. Acho que é fundamental na hora de escolher um livro pensar em três aspectos fundamentais, que juntos sempre contam uma história mais rica: a qualidade do texto (e aqui é importante entender que não há assuntos proibidos), as ilustrações (narrativa visual é primordial para completar a experiência leitora, os livros são a primeira experiência estética dos bebês, talvez, o primeiro museu, não podemos oferecer a eles o óbvio) e, por último e não menos importante, o livro como suporte (é preciso pensar nos detalhes todos do design, como as páginas vão ser viradas, que elementos vão capacitar uma melhor experiência leitora). Há muita coisa ruim e equivocada, também, no mercado. Há quem pense que livro para bebês é apenas livro de formas e sons, com ilustrações ultrapassadas, repletas de crianças sorridentes, sol com carinha, nuvens coloridas sorrindo e coisas do gênero. A infância não é colorida e precisamos ter, também, a noção do quanto a partir de uma leitura somos capazes de junto com nossos bebês e nossas crianças elaborarmos, também, nossas dores, nossos medos e nossas angústias. Muita gente que acha que escreve para crianças, escreve para si mesmo sobre suas saudades, suas nostalgias, enche páginas de diminutivos, busca uma lição de moral e pronto! Acha que tem um grande livro infantil. As prateleiras das livrarias e mesmo o acervo das escolas estão repletos de livros ruins. Há muita coisa incrível também e nós mediadores é que temos o papel de garimpar.

Existe uma fórmula para ler/contar histórias para bebês?

Não acho que exista fórmula. Cada pai, irmão avô, avó, professor vai descobrir este leitor de uma forma diferente. O que não pode faltar nunca é tempo para estar por inteiro no momento da leitura sem celulares ou outras atenções, colo e muito, muito afeto. E claro, bons livros!

Dê onde vem as ideias para a escrita de livros para bebês?

Muito do meu cotidiano sempre muito perto de crianças e bebês. O meu primeiro livro nasceu na beira da cama da minha filha mais velha a partir de um pedido dela para que eu inventasse uma história que fosse só nossa. As crianças são todas muito poéticas, se atentarmos para a forma como elas enxergam as coisas temos inspiração para uma vida toda. Eu exercito muito a escuta séria e tento caber no mundo dos pequenos para poder partilhar com eles histórias que façam sentido para eles. É aquela história de falar com eles e não para eles. Tem uma diferença muito grande nisso.

Qual a diferença entre escrever para bebês e para crianças maiores?

O que mais me irritava quando eu procurava no Brasil livros destinados para bebês é que só encontrava os livros de pano, plástico ou com frases soltas do tipo: o cachorro faz auau, o gato faz miau, quadrado vermelho, cír-

culo azul, triângulo amarelo. Eu queria literatura para bebês, no sentido mais amplo do que isso significava para mim e pensando sempre na partilha, na leitura em voz alta, nos momentos afetivos com o livro na mão, com meus bebês no colo. Entrei, primeiramente, pela porta da poesia, dos acalantos e buscando, também, na escolha das ilustrações fugir do óbvio. Tenho duas coleções para bebês bem distintas: Experimente a palavra da Editora Canguru, que brinca com cantigas e parlendas e com os 5 sentidos (três livros já estão publicados e outros dois devem sair até o fim deste ano). O minhoco apaixonado - visão; Pirulito – paladar; Blim Blão – audição, já publicados e O cravo, a Rosa e o Jasmim – olfato e, Na palma da mão – tato, ainda em produção. Publiquei, também, pela editora Edelbra, em parceria com a ilustradora argentina Anabella López uma coleção de 5 títulos que brincam com o som das vogais e coisas que bichos não gostam ou não fazem, a Coleção Bicho Não – Minhoca não quer pipoca, Jacaré não tem chulé, Jabuti não lê gibi, Mico não usa penico e Urubu não come chuchu. Pela Peirópolis lancei em 2010 um livro cd baseado nas cantigas e histórias da infância História pra boi casar que é toda cantada e que fala, também, do folclore, uma brincadeira com o Boi da cara amarela que foge para casar com a vaca que pulou a janela e no casamento aparecem personagens de histórias e de cantigas da minha e de muitas infâncias. O livro é preto e ilustrado com colagens pela Mariana Zanetti, fiz pensando nos bebês, mas as crianças maiores gostam bastante, também, e muitos adultos, porque de alguma forma resgatam suas próprias lembranças de infância. Eu acho que tanto escrevendo para bebês como para crianças, o que precisamos antes de tudo é sermos verdadeiros.

Existe necessariamente uma relação de afetividade na atividade de leitura para bebês?

Sempre, sem a afetividade, acho que nada acontece.

Em seus livros Jacaré Bilé e História Para Boi Casar você chegou a compor algumas canções que acompanham as histórias. Qual a importância da musicalidade na contação de histórias para as crianças?

Acho que vem mesmo da nossa ancestralidade. Talvez nossas primeiras histórias sejam os acalantos de nossas mães quando ainda estamos no ventre, depois para nos embalar e acalmar, sempre tem o canto. Eu acho fundamental essa musicalidade que carregamos ser transportada para a literatura e não apenas em forma de cantigas, mas nos versos também. Eu escrevo muito em verso e consequentemente, a própria leitura dos meus textos já vem carregada de musicalidade. Eu não sou música, tenho alguma noção de musicalidade, toco instrumentos de ouvido porque fui criada numa casa com piano aberto e acessível (como eu acho que precisam ser os livros, acessíveis sempre) e por isso, consigo ter prazer tocando, cantando e compondo, mas sem muita formalidade. Muitas das minhas músicas nascem a partir mesmo da leitura do texto que escrevo pensando no livro.

A manipulação de objetos cênicos e sonoros pode ajudar no momento das histórias com bebês?

Tudo que é sensorial estimula as potencialidades do bebê, eu uso e abuso do sensorial nas sessões do projeto Experimente a palavra: sons, texturas, cheiros, sensações e até gostos. Também, já experimentei em leituras com bebês cegos, vendar pais e professores para que todos pudessem fazer a leitura com os outros sentidos.

Se tivesse que dar um conselho acerca da literatura para os professores de Educação Infantil que trabalham com bebês e crianças, qual seria?

Leiam, leiam muito com os bebês, mas estejam, também, atentos para o que fazem, como reagem, o que os emociona. Para lidar com bebês, além da afetividade que é fundamental, acho que temos que aguçar o nosso olhar e a nossa percepção. Temos muito a aprender com eles. Engana-se quem acha que nós, adultos, é que ensinamos, que somos os seres completos e cheios de potencial. São eles os verdadeiros poetas com uma capacidade incrível de nos ensinar a enxergar a vida com muito mais beleza e poesia!

Adriana Franzin

Currículo em Movimento do Distrito Federal

E o Mundo Encantado das Histórias

Nessa viagem encantada que envolve as mais diversas histórias e seus mais diferentes estilos, é importante ressaltar que existe um documento que orienta a prática docente – o Currículo em Movimento do Distrito Federal – Educação Infantil.

Esse documento não surge de repente a partir do "toque da varinha mágica da fada madrinha" nos contextos escolares. Para ele se materializar, foi necessário a existência de documentos que o precederam e todo um processo de diálogo, reflexão e escrita. Ou seja, o Currículo emerge das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e, também, da Base Nacional Comum Curricular. Tanto as DCNEI como a BNCC tratam dos princípios presentes na Educação Infantil: Éticos, Políticos e Estéticos.

Ao se planejar e realizar a prática docente em cada Unidade Escolar envolvendo o tema da VII Plenarinha – "Brincando e Encantando com Histórias", é necessário considerar esses princípios. Em relação ao princípio ético, que se proporcione às crianças o desenvolvimento de sua autonomia; ao princípio político, que elas possam exercer sua criticidade e o respeito aos direitos de cidadania e; ao princípio estético, que contribua para o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade e liberdade de expressão das crianças. Todos esses princípios podem ser vivenciados por meio das narrativas que permeiam o contexto educativo. A partir de cada um desses princípios, emergem os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento: brincar, conviver, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Ao proporcionar um contexto educativo permeado pelos encantamentos da literatura e da leitura é preciso garantir que as crianças brinquem cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos e com diferentes materiais, ampliando e diversificando seu acesso à cultura, que convivam democraticamente com seus pares e os adultos, relacionando-se e partilhando suas histórias, ampliando o conhecimento de si e do outro. Participem ativamente das atividades que envolvem o cotidiano da Unidade Escolar na constituição de seus mais diversos conhecimentos. Explorem movimentos, gestos, sons, palavras, emoções e relacionamentos por meio das inúmeras histórias que podem se fazer presentes no contexto educativo. Expressem-se como ser humano e sujeito de direitos, de forma criativa e sensível, expondo suas necessida-

Para conhecer mais

Acordais
Regina Machado
CDL

A casa imaginária
Yolanda Reyes
Global Editora

Quem conta um conto
Luz María Chapela
SM

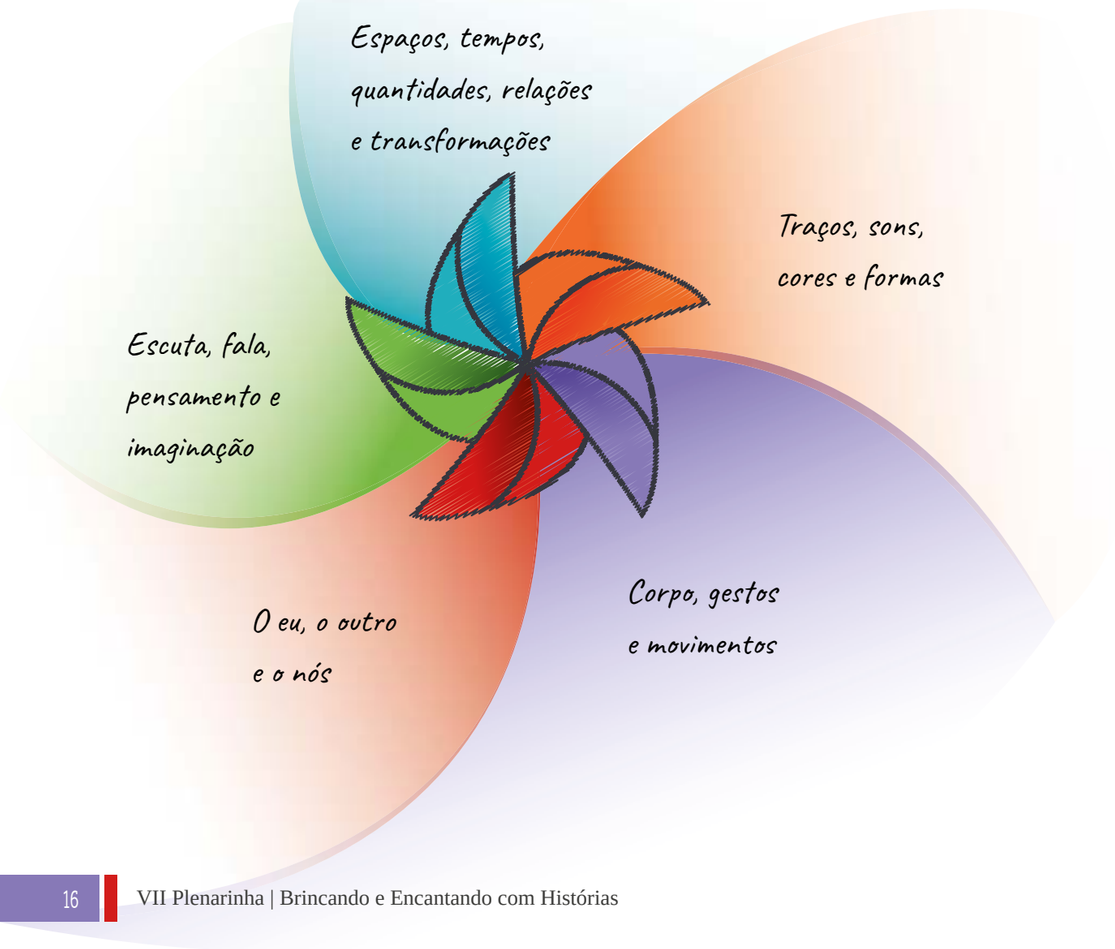
A palavra do contador de histórias
Gislayne Avelar Matos
Martins Fontes

des, interesses, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões e questionamentos, elaborados a partir da escuta, imaginação, criação e contação de histórias. E, por fim, conhecendo-se e constituindo sua identidade pessoal, social e cultural, elaborando uma imagem positiva de si e de seu grupo de pertencimento nas diversas experiências que envolvam o compartilhamento de histórias.

Tanto os princípios como os direitos de aprendizagem e desenvolvimento expressam-se por meio dos cinco campos de experiência: 1) O eu, o outro e o nós; 2) Corpo, gestos e movimentos; 3) Traços, sons, cores e formas; 4) Escuta, fala, pensamento e imaginação e; 5) Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Ao ler cada um dos campos de experiência listados acima, você talvez, possa imaginar que o tema, "Brincando e Encantando com Histórias" pode ser explorado envolvendo um deles, o que trata da Escuta, fala, pensamento e imaginação. Porém, o convite é para que se desenvolva um trabalho educativo em unidade, integrando todos os campos e, assim, se promova as mais diversas linguagens. "Essa organização se coloca como uma tentativa de não fragmentar os conhecimentos e de considerar a multidimensionalidade das crianças" (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 61).

Imagine um catavento de cinco abas, cada aba é um campo de experiência específico, tendo como centro o universo da literatura. Ao girar o catavento, os campos de experiência se unem, tornam-se intercampos. É isso que se almeja, que em cada Unidade Escolar as crianças possam imaginar, criar, ouvir e contar histórias imersas nas mais diversas linguagens, protagonizando a constituição de sua aprendizagem e de seu desenvolvimento.

Portanto, o convite está lançado... Aventure-se e permita que as crianças vivenciem diversas possibilidades, saberes e conhecimentos por meio das histórias – girando, girando e girando como um catavento, embalado pelo vento que sopra e envolve harmonicamente todos os campos de experiência.



Ancestralidade:

O passado presente no ato de contar histórias

Valdério Costa

Cada um carrega consigo uma sacola
prá onde vão os personagens das histórias que ouvimos!
Só poderão sair de lá quando aquele conto for recontado...
(A sacola de couro - conto popular)

Há muitos e muitos e muitos anos, em um passado distante, mas ainda possível de se fazer presente em alguns contextos da atualidade, as pessoas se reuniam para contemplar as estrelas e o luar. Imaginavam histórias para aqueles pontinhos brilhantes que viam no céu ou para aquela grande bola luminosa que clareava a noite escura habitada por sons misteriosos que emergiam do ambiente em que viviam. Joana Cavalcanti, doutora em Teoria da Literatura, esclarece que:

> Tem-se notícia de que as primeiras narrativas constituíam-se em relatos fabulosos sobre a possível história do surgimento do mundo. É certo que esses relatos estavam impregnados de conteúdos voltados para o sobrenatural, o misterioso envolvido na aura do sagrado. [...] para, somente muito tempo depois, transformarem-se em mito e história (CAVALCANTI, 2002. p. 28).

As pessoas se reuniam, formavam uma roda e contavam histórias. No meio da roda, logo passou a existir o fogo. As pessoas observavam a fogueira e eram capazes de imaginar imagens que surgiam em meio às chamas. E provocavam a imaginação a partir das sombras que surgiam na escuridão iluminada pela fogueira.

Roda, luar, estrelas, sons, mistérios. Roda, fogo, chama, sombra, descobertas. Imagens, fantasia, imaginação, criação, histórias.

A roda era o momento propício para o encontro, para a troca de olhares, para contar e ouvir histórias. As pessoas se reuniam para compartilhar as descobertas, aventuras e saberes. A roda propiciava o vínculo entre as pessoas e dava vazão às inúmeras histórias que fluíam entre cada membro do grupo, de modo particular e único.

A roda era permeada por palavras que se encontravam no enredo das histórias. Ao contar histórias, as pessoas compartilhavam generosidade e ensinamentos. A partir da observação do mundo, elas elaboravam uma narrativa que envolvia a todos, abstraindo a realidade e reconstruindo por meio das histórias que eram contadas. Flusser (2011, p. 21) explica que "imaginação é a capacidade de fazer e decifrar imagens". Ao contar uma história, o contador cria imagens e o ouvinte imagina suas próprias imagens a partir da escuta. A história é peculiar para quem

Para conhecer mais

Alfabetizar letrando com literatura infantil
Fábio Cardoso e Fabiano Moraes
Cortez Editora

Literatura infantil
Nelly Novaes Coelho
Editora Moderna

Introdução à Literatura infantil
Telma Colomer
Editora Global

Para refletir...

"Ao contar a história retirada de um livro é importante mostrá-lo às crianças. Conhecer títulos, escritores, ilustradores e editoras faz parte da formação do leitor". (Renata Valls)

conta e para o ouvinte também. Cada pessoa percebe e sente algo diferente por meio das histórias que são contadas ou ouvidas, pois existem duas intencionalidades, a de quem conta a história e a de quem a ouve.

O ato de contar ou de ouvir história provoca um contato com o mundo da imaginação, criação e, também, da compreensão de mundo. É preciso "viajar" na escuta das histórias e senti-las para entendê-las com mais profundidade e intimidade. É preciso permitir ser conquistado pelas imagens que cada história é capaz de criar. A fala e a escuta, aos poucos, estabelecem relações significativas. Em meio a gestos e troca de olhares, as histórias que são contadas e ouvidas, afetam as pessoas e provocam significados singulares, pois são capazes de desabrochar encantamento e sensibilidade.

"Historicamente, as imagens tradicionais precedem os textos, por milhares de anos" (FLUSSER, 2011, p. 29). As histórias surgem por meio dos gestos, dos sons, dos desenhos nas cavernas e nas pedras, das palavras, dos textos escritos, entre outras possibilidades. Ao longo dos tempos, a humanidade decifrou o mundo com suas histórias contadas das mais variadas formas.

Visões, sons, desenhos, gestos, palavras, textos escritos, imagens criadas pela imaginação humana.

Desde os primórdios, com as histórias permeadas de fantasia e magia, aos contos populares em forma de Contos de Fadas, Lendas, Mitos, até os contos literários que existem na atualidade, cada história é capaz de produzir sentido à existência humana por meio da narração, comunicação e interpretação. A humanidade cria histórias sobre tudo o que vê, imagina, sente e percebe do mundo.

Por meio das histórias, aprendemos o que ela quer dizer a cada um de nós, aos que contam e aos que ouvem, aos partícipes do enredo narrado pelas histórias criadas pela imaginação humana. Nesse sentido, as histórias são essenciais para a constituição das crianças, provocando sua leitura de mundo e contribuindo para suas aprendizagens e desenvolvimento.

As crianças podem brincar e se encantar com as histórias, provocando sentimentos, afetos, sensações, emoções e novos saberes. As crianças podem ouvir histórias de variadas formas, mas também, podem imaginar, criar e contar suas próprias histórias, pois a relação delas com as histórias não é de mero ouvinte. É preciso ter isso claro: a criança é protagonista em seu processo de constituição de aprendizagens e desenvolvimento.

Portanto, é esse o convite, que as crianças possam navegar pelos encantamentos das inúmeras histórias que flutuam nas vozes, nos desenhos, nos livros, nas imagens, nas cores, nos sons ou em qualquer outro lugar, assim como fizeram os primeiros seres humanos em meio a roda, à luz da fogueira, percebendo e imaginando seu universo e, também, criando, contando e ouvindo histórias...

CEI 04 de Sobradinho | Mary Leal

Vontade de viajar...

"Ler, pois, é uma viagem, uma entrada insólita em outra dimensão que, na maioria das vezes, enriquece a experiência: o leitor que, num primeiro tempo, deixa a realidade, para o universo da ficção, num segundo tempo, volta ao real, nutrido da ficção." (Jouve, 2002, p. 108).

Vamos brincar de histórias contar?

Contação de histórias: seus segredos e encantos

Quando Sherazade contava, quem ouvia se esquecia de tudo, de quem era, do que era, se sentia fome ou sono. Podia a terra tremer ou o nariz coçar, nada importava quando Sherazade contava. Era tão gostoso como comer uma tâmara de olhos fechados, ouvindo as fontes do 5º jardim suspenso, aquele das rosas amarelas. Tudo se encaixava, se esclarecia e se turvava, desenhos e melodias seriam em quem ouvia, dizendo-lhes a diferença entre o que eram e o que acreditavam ser, quando Sherazade contava. (Pauline Alphen, 1998).

A importância do convívio das crianças com as histórias, primeiro como ouvinte e em seguida criando suas próprias narrativas é incontestável. É a combinação dos diferentes elementos presentes nas histórias ouvidas na infância e em suas vivências, que as constituem como seres humanos, pertencentes a uma comunidade. Segundo Sales (2018), o processo de ouvir os outros por meio das histórias contribui para sua constituição narrativa, é ouvindo a voz do outro que se abre a possibilidade de imaginar, estimular a capacidade inventiva, desenvolver o contato com a linguagem oral e ampliar os recursos de vocabulário. E além disso, as histórias podem ser narrativas inspiradoras...

Aprendi a ler. Mas isso não bastava. Faltava-me o domínio da técnica que faz da leitura algo suave como o voo de um urubu ou deslizante como um patim no gelo. Foi D. Iva – não sei se ela ainda vive – quem me ensinou que ler pode ser delicioso como voar ou como patinar. Ela lia para nós. Não era para aprender nada. Não havia provas sobre os livros lidos. Ela lia para que tivéssemos o prazer dos livros. Era pura alegria. Poliana, Heidi, Viagem ao céu, O saci. Ninguém faltava, ninguém piscava. A voz de D. Iva nos introduzia num mundo encantado. O tempo passava rápido demais. Era com tristeza que víamos a professora fechar o livro (ALVES, 1996).

Neste pequeno trecho, Rubem Alves, enquanto conta parte de sua própria história, relata a importância do convívio com pessoas que apreciam contar histórias. Talvez por isso, insista na ideia de que é imprescindível que se tornem contadores de histórias.

As narrativas orais ou as leituras feitas em voz alta são, na verdade, a possibilidade de encontro entre as pessoas, encontro permeado por diversão, mistério, fantasia, curiosidade e até o medo. Pois, por meio das histórias as crianças podem entrar em contato com sentimentos como o medo, raiva, irritação, insegurança e, aprender a lidar com eles, esclarecendo suas dificuldades ou encontrando soluções possíveis. Nos contos de fada de Hans Christian Andersen, por exemplo, nem todo mundo é inofensivo. Andersen falava com as

Para conhecer mais

O Grúfalo
Júlia Donaldson e Axek Scheffler
Editora Brink-Book

Vá embora, grande monstro verde!
Ed Emberley
Brinque-book

A mala mágica
da filó
Débora Carreira
Libri Editora

Faniquito e siricutico no mosquito
Jonas Ribeiro
Editora Elementar

Encontrado
Salina Yoon
Editora Saber ler

Abracadabra
Fernando Vilela
Brinque-book

LER ou CONTAR?

Contar histórias com ou sem o auxílio dos livros? A escolha de ler ou narrar as histórias dependerá de seus propósitos, mais uma vez a intenção se mostra importante na preparação do momento da contação. Ciente da sua intenção com determinada situação narrativa, é preciso dedicar-se, cuidar da cadência da voz e das técnicas a serem usadas atentando para o fato de que o ato de ler ou contar histórias pode ser igualmente enfadonho quando não oferece algo significativo aos pequenos. Na escola é interessante, muitas vezes, ler em diferentes momentos e contar histórias. Cada uma possui seus encantos e possibilidades, para isso, é importante estar disponível a experimentar modos diferentes de viajar pelas histórias.

Conto com o auxílio do livro para:
- possibilitar a vivência dos pequenos com os livros e outros suportes de textos;
- valorizar o livro como veículo de aprendizagem;
- mostrar a ação da leitura como prática cultural de nossa sociedade;
- apresentar o ritmo das palavras e frases do livro;
- conhecer escritores e ilustradores;
- observar a estética da obra literária (texto e ilustração);
- manusear o livro e mostrar as imagens e texturas que ilustram o texto;
- apreciar e pensar no trabalho dos profissionais envolvidos com a produção do livro.

Conto sem o livro para:
- usar a voz, o olhar e o corpo para contactar a audiência;
- explorar recursos de narração;
- fazer uma apresentação lúdica de uma narrativa

crianças, não apenas sobre as aventuras alegres e finais felizes, mas sobre seus problemas, tristezas e derrotas, tantas vezes, não merecidas. A ideia não é apavorar as crianças em uma situação descontrolada, mas proporcionar que elas sintam e falem sobre suas reais emoções.

E para além disso, dentre as várias questões que podem surgir, elucidamos algumas: como fazer este encontro acontecer? Que papel representa a professor(a) como contador de histórias? Como guiar o ouvinte em um passeio por sua própria paisagem interna usando como cenário os contos, fábulas e poesias?

Destacamos que contar histórias é um exercício constante de escolher ver o mundo de várias formas. E temos a clareza de que um professor não precisa ser necessariamente um contador de histórias exímio para realizar um trabalho educativo que contribua para que as crianças se beneficiem com a experiência de escutar histórias.

A intenção, o ritmo e a técnica constroem passo a passo a possibilidade da presença, a capacidade de responder criadoramente a tudo que ocorre no instante da narração, com vivacidade e confiança. Confiança na potencialidade de seus recursos externos e internos, confiança na história como um presente que ele oferece a si mesmo e a sua audiência. Estar presente é poder presentear (MACHADO, 2004, p. 81).

Machado (2004, p. 68) discorre sobre a presença do contador de histórias, e em relação à professor(a), acerca da necessidade de que se constitua em um contador de histórias por meio de sua intenção, ritmo e técnica. Assim, tal profissional é formado pela combinação desses três fatores. Ele se utiliza de experiências pessoais (recursos internos), busca um amplo repertório de informações disponíveis (recursos externos), enquanto vai ao longo da vida, aperfeiçoando sua prática.

Para entender melhor, esclarecemos com mais detalhes cada um dos três fatores:

Intenção:

A intenção é o que leva alguém a contar histórias, o que dá sentido à essa experiência. É a reflexão a partir da qual acredita-se na importância dessa ação. À medida que a vivência com a literatura e com a prática da contação de histórias começa a ocupar um lugar significativo na prática pedagógica do professor(a), é habitual que o próprio movimento das histórias o leve ao crescimento do vocabulário, à novas situações narrativas, à multiplicação das imagens internas, constituindo assim um profissional que consegue escolher a história de forma mais significativa para determinado grupo de crianças.

Ritmo:

Ao ouvir uma história, o ouvinte cria imagens internas (visuais, táteis, olfativas ou sonoras) enquanto passeia pelo cenário conduzido pela voz do professor(a) que narra a história. É o ritmo e a respiração, combinados com as pausas da própria história que dá vida, ou não, à narrativa.

O professor(a) que conta histórias aprende a se tornar receptivo ao caminho rítmico, à pulsação do conto, quando permite-se influenciar fortemente pela cadência da história a ponto de se tornar parte dela. Para isso, é preciso exercitar habilidades de perguntar, observar, experimentar, se arriscar, ter senso de humor, buscar o novo, em meio aos lugares e pessoas que fazem parte do seu cotidiano.

Descobrir-se como professor(a) que conta histórias é conhecer a própria voz e experimentá-la arriscando em diferentes variações vocais (graves e agudas, lento e rápido, alto e baixo), imitando personagens, incluindo onomatopeias, fazendo pausas inesperadas e, sempre se atentando para a pronúncia adequada das palavras.

Técnica:

A técnica é a combinação de recursos internos e externos sem, contudo, esquecer da atualização da intenção e do ritmo. De nada adianta a intenção, se a pessoa não souber conduzir a história e ao mesmo tempo deixar-se conduzir por ela. É preciso conhecer a história para compreender como ela pede para ser contada.

Para formar um arcabouço de opções com diferentes maneiras de contar uma história, é preciso conhecer diferentes formas e recursos possíveis de serem escolhidos dentro de um repertório.

Ao falar da técnica, alguns pontos são importantes e merecem atenção, são os recursos externos, que interferem direta e indiretamente na preparação do profissional para o momento de contar história. Tais pontos estão relacionados a seguir:

- Objetos:

Tecidos, bonecos, luzes, roupas e tantos outros acessórios cênicos podem ser usados, mas precisam ser cuidadosamente escolhidos de acordo com cada história em particular. É importante esclarecer que os objetos devem estar a serviço da narrativa, afinal a intenção é que eles dialoguem com a história, incentivando a criação das imagens internas em cada ouvinte à medida que a narrativa acontece.

Na dinâmica da contação de histórias, no jogo do faz de conta o objeto tem um lugar especial à medida que deixa de ocupar uma posição de simples elemento do mundo real para ocupar novos lugares de significado. É quando uma folha de jornal sai de seu papel e passa a ser uma cabana e, no instante seguinte, se transforma em um tapete mágico. Utilizar o recurso dos objetos abre um leque inesgotável de possibilidades de criação, mas é preciso ter um senso criterioso e estabelecer relações possíveis entre o objeto real e a imagem que queremos representar.

Sobre a imaginação, Vigotski (2009) advertiu que, apesar de ser comum a crença de que as crianças tem uma imaginação mais rica do que os adultos, isso não procede. Para ele, a imaginação se alimenta da realidade, logo, quanto mais experiência mais imaginação (DISTRITO FEDERAL, 2018. p.87).

É preciso ter cuidado para que a contação de história não vire um apelo de estimulação visual movido a uma parafernália técnica que desvia a atenção da narrativa e tira a possibilidade da percepção e imaginação das crianças.

Valdério Costa

A contadora de histórias

A tarde estava cinza,
chata, dura e amarga.

Aí chegou tia Danusa,
a contadora de histórias.
Magra, pequena e feinha.

De cara, ninguém deu bola.

Mas aí tia Danusa abriu a boca
e soltou um largo “boa tarde”.
Jogou os braços como asas
e fez mil caras e mil falas
e cantos de gente e bichos.

E o sol foi se abrindo
e as nossas asas crescendo
e uma magia pairou no ar.
O sol e a doçura eram tia Danusa!

Com as histórias e a contadora,
crianças e adultos viajavam.
Todos ganhavam longos braços
e acariciavam nuvens e arco-íris.

Todos se transformaram
em fadas, feiticeiros, bruxas, feras,
príncipes, princesas e sapos.

E ninguém tinha visto antes mulher
maior e mais bela do que tia Danusa.
E ninguém dava bola pro mundo
fora das suas histórias.
(Elias José)

A Arte de Contar Histórias Curso EAPE -15 anos

O curso “A Arte de Contar histórias” surgiu da demanda por formação continuada dos professores da rede pública na perspectiva de incentivo à leitura literária de forma lúdica e criativa. Realizado pelas equipes das Oficinas Pedagógicas desde 2000, já formou cerca de 2.500 professores. Promove a presença da literatura na vida de estudantes e professores como espaço de criação e recriação da realidade e, desta forma, contribui para a redução das desigualdades sociais por meio do acesso ao livro e à leitura, bem como para a formação de uma sociedade leitora.

Extraído de Proposta de Curso A Arte de Contar Histórias , 2019, constante no Setor de documentação da EAPE

EC 11 de Planaltina | Mary Leal

- O espaço:

Ser cuidadoso ao ambiente em que a história será contada é importante. É interessante perceber que objetos, barulhos ou situações estão presentes e podem ser úteis ou atrapalhar a narração. É melhor, por exemplo, ter uma parede neutra compondo o cenário que uma porção de cartazes ou objetos que não dialogam com a paisagem narrativa proposta na história.

De qualquer forma, não é possível exigir um contexto perfeito sempre. Caso não seja possível resolver o que julga inconveniente, tente uma adaptação. Em alguns casos, a vontade de contar uma boa história, aliada a outras habilidades e técnicas podem superar a problemática do espaço e fazer as crianças se imaginarem em outro tempo e lugar.

- Expressão facial e corporal:

A expressão “o corpo fala” se popularizou desde a pesquisa de Weil e Tompakow (2013) e a partir daí começou-se a prestar mais atenção no corpo como meio de manifestação dos sentimentos. Na contação de histórias as expressões faciais e os gestos são a energia que envolve a narrativa. Fazer caras e bocas, usar as partes do corpo, movimentar-se pelo local onde a história é contada ajudam a manter o foco da audiência na história e a dar vida às emoções dos personagens.

- Audiência:

A maneira como a professor(a) que contam histórias percebe o público contribui para o resultado final da situação narrativa. Criar expectativa de silêncio, atenção absoluta, ou querer contar a história até o fim, sem nenhuma interrupção, quando a audiência é composta por um público repleto de crianças, é quase certeza de frustração.

As perguntas, os barulhos, tudo o que acontece na hora de uma contação de histórias, compõe o momento da narrativa. É a professor(a) quem deve olhar cada uma dessas “participações” com um olhar capaz de incluí-las a serviço da história, nas palavras de Machado (2004), “Estar presente é saber incluir o acaso”.

Cabe, na educação infantil, possibilitar espaços que não limitem o desenvolvimento da criança, e sim que propiciem o contato com suas potencialidades de criação e participação em situações promotoras de sensibilização, de produção coletiva e individual, de valorização da própria expressão e apreciação do trabalho do outro (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 77).

Partimos do princípio de que a participação das crianças é desejável. Além de formar audiência que escute as histórias com atenção, precisamos provocar as crianças a comentar, perguntar, interagir, opinar, recontar e criar suas próprias histórias. A audiência da primeira infância é exigente e participativa. Não subestime suas crianças. Dê a elas espaço para criação. O universo das histórias é terreno fértil para isso.

- Iniciar e finalizar a história:

A travessia de ida e volta pelo portal “Era uma vez”, deste mundo para o mundo das histórias, deve fazer parte do arcabouço das professores que se constituem em contadores de histórias. “Os começos têm o poder de abrir a porta do universo da história, os finais fazem a passagem de volta para “o mundo aqui de baixo” (MACHADO, 2004, p. 76). Além das frases de efeito, o professor(a) ao contar uma história pode fazer uso de um chapéu, um baú, uma caixa, uma sacola. Tais objetos tem o poder de convidar as crianças e ela/ele próprio para dentro da história.

Quanto mais ouvir e ler histórias, mais criativas os professores se tornam. O importante é experimentar diferentes formas de iniciar e terminar a narrativa na intenção de enriquecer sua prática e combinar detalhes que contribuam para a criação de novas paisagens internas nos ouvintes e em si mesmos. Saber iniciar e terminar uma história pode ser a coroação de um momento inesquecível.

Podemos dizer que uma professor(a) que se torna contador de histórias é um eterno pesquisador. Alguém que estuda, lê, cria, recria e escuta, por meio das narrativas orais, dos livros e da arte que envolve a magia das histórias, consegue passar adiante a paixão pelas narrativas.

E, em alguns momentos podem surgir dúvidas como: contar histórias com ou sem o auxílio dos livros? A escolha de ler ou narrar as histórias dependerá de seus propósitos, mais uma vez a intenção se mostra importante na preparação do momento da contação.

Ciente da sua intenção com determinada situação narrativa, é preciso dedicar-se, cuidar da cadência da voz e das técnicas a serem usadas atentando para o fato de que o ato de ler ou contar histórias pode ser igualmente enfadonho quando não oferece algo significativo aos pequenos.

Na Unidade Escolar é interessante muitas vezes ler e outras tantas contar histórias. Cada uma possui seus encantos e possibilidades, para isso, é importante estar disponível a experimentar modos diferentes de viajar pelas histórias.

Portanto, convidamos você professor(a) a brincar de histórias contar. Ao longo do caminho certamente descobrirá que quem conta histórias para crianças nunca está sozinho, carrega consigo os segredos e encantos das histórias e vive rodeado por olhos apaixonados, sempre esperando que o extraordinário aconteça.

Além do Era uma vez... diferentes maneiras de iniciar uma história:

-Num lugar muito longe daqui havia/morava…
-Vocês já ouviram o caso do…?
-No tempo em que não havia tempo, num lugar que era lugar nenhum…
-Na época em que os animais falavam…
-Num lugar mais longe que o mais longe dos lugares havia...
-Dentro desta caixa está…

Além do Felizes para sempre... diferentes maneiras de finalizar um história:

-Entrou pelo pé do pinto, saiu pelo pé do pato, quem quiser conte mais quatro.
-Era uma vez a vaca Vitória, que caiu no buraco e acabou-se a história.
-E dizem que até hoje a situação continua a mesma.
-E acabou-se o que era doce.
-Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem souber que conte outra.

As histórias e o desenvolvimento infantil

Não podemos falar das histórias sem nos alinharmos ao desenvolvimento infantil, nessa caminhada literária, lúdica, encantada e de tantas descobertas, imaginá-veis onde revisitamos as muitas histórias ouvidas na infância que se constituem em pequenos acervos memoráveis, interagindo com nossas vivências, que contribuem para o exercício da nossa constituição narrativa e como contadores de histórias. Outra coisa bem importante e significativa nesse processo literário é que não é só falando ou contando histórias que nos constituímos narradores, é sobretudo ouvindo o outro contar histórias. Pois ouvindo a voz do outro, abre-se a possibilidade de imaginar, criar e recriar as histórias ouvidas.

A narrativa é construída em pequenos detalhes e não objetiva o mero repasse informativo, "ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele" (BENJAMIN, 2012, p. 205). Cada história narrada passa por uma transformação, sendo o compartilhamento de um processo que foi subjetivado pelo narrador e que é constantemente lapidado com suas vivências, emoções, com sua essência e que, depois de enriquecida de sentidos, é narrada.

Ao contar e ouvir uma história, produzimos emoções, e o seu sentido comunica para cada pessoa um conteúdo subjetivo, ou seja, que remete às experiências individuais e singulares de cada um ou abre novas vias de sentido e zonas de compreensão. Na literatura emocionar-se é o processo que envolve transformações físicas, biológicas e psíquicas, um sentimento portador de sentido que humaniza quando se manifesta na construção histórico-cultural do indivíduo.

Desde as primeiras tentativas de narração, os interlocutores (adulto e crianças) têm papéis definidos neste processo de interação verbal. O adulto tem papel ativo nesta fase inicial, dirigindo às crianças perguntas, que respondidas ajudam no surgimento do discurso narrativo, pois sua função é ajudar a criança a lembrar sob a forma de discurso, o que ela pretende contar, conforme Perroni (1992).

O desenvolvimento humano se constitui por meio de sua consciência cultural, é relevante compreendermos a importância do papel que a literatura pode vir a desempenhar para as crianças. Pois, a literatura, dentre as demais manifestações artísticas, é a que "atua de maneira mais profunda e essencial para dar forma e divulgar os valores culturais que dinamizam a sociedade e ou uma civilização" (COELHO, 2000, p. 128).

Bruner (2012) explica que por configurar dois planos (individual e social), o movimento dialético da produção narrativa é complexo e representa mais que a individualidade do narrador, na condição de ser cultural, mas também a cultura em que está inserido. Como ser humano, produzimos narrativas que nos constituem e ilustram a nossa condição humana, como nos explica: "Fabricar histórias é o meio para nos conciliarmos com as surpresas e estranhezas da condição humana, para nos conciliarmos com a nossa percepção imperfeita dessa condição" (BRUNER, 2012, p.100).

Para conhecer mais

Intextualidade: Diálogos Possíveis
Ingedore Vilaça, Ana Cristina Bents e Mônica Cavalcante

Criticidade e leitura
Ezequiel Theodoro da Silva - ALB

Estratégias de leitura
Isabel Solé
Editora Arquimedes

O minhoco apaixonado
Alessandra Roscoe
Editora Canguru

Pirulito
Alessandra Roscoe
Editora Canguru

O pequeno Curioso
Jonny Lambert
Ciranda Cultural

Blim Blão
Alessandra Roscoe
Editora Canguru

Quando eu era pequenino
Ciranda Cultural

Jardim de Infância Casa de Vivência - Planaltina | Ana Neila Torquato

Se na leitura/escuta de histórias, leitores/ouvintes são envolvidos em conjunto, imaginam lugares, pessoas e objetos de uma realidade física e histórica distante. Assim constroem significados e sentidos para ações, decisões e desdobramentos do que ocorre na narrativa. A complexidade desses sujeitos precisa ser convidada a fazer parte de nossa compreensão sobre essa atividade e, também, do impacto que a mesma tem sobre o desenvolvimento infantil.

A linguagem empregada na literatura infantil nos leva à criação de imagens, permitindo a vivência de outras vidas por intermédio da imaginação e contribui para a consolidação do processo imaginativo que nos proporciona um arcabouço para reestruturar nossas experiências. A linguagem presente numa narrativa literária que transcende a realidade, nos coloca diante de um mundo fantástico, pois desde o enunciado até a nomeação dos personagens nos faz reverberar sentimentos diversos, bem como, o delineamento dos traços físicos e psicológicos das imagens que criamos via palavra. Nesse viés, podemos afirmar que:

> Um laço indissolúvel une a narrativa à imaginação, e as crianças têm necessidade das imagens fornecidas pelas histórias como estímulo para sua própria criação subjetiva, para sua exploração estética e afetiva dos meandros do mundo (GIRARDELLO, 2011, p. 82).

Vigotski (2001, 2010) explica que a lei básica da arte consiste na livre combinação de elementos da realidade, com esta independência de princípios, na estética se dissipa qualquer limite que separa a fantasia da realidade. Pois, em arte tudo é fantástico ou tudo é real, sendo que a realidade da arte está relacionada apenas à realidade daquelas emoções vivenciadas pelo sujeito.

A experiência estética vivenciada pelas crianças na leitura/escuta de histórias permite que as mesmas (re) criem situações imaginativas que as envolvem com(o) os personagens das histórias, indicando a agência de um sujeito complexo, expressando a unidade entre emoção, cognição e imaginação. Em consonância com Vigotski (2008), a imaginação se constitui numa primordialidade da vida humana que se manifesta desde a infância, perceptível especialmente através da brincadeira, pois no brincar e na fantasia encontramos a gênese do processo criativo.

Já a brincadeira de faz de conta, se configura como atividade-guia na infância, sendo uma atividade livre, em que a criança utiliza recursos emocionais e imaginativos na elaboração de cada uma. Ao seu modo, se envolve e atribui sentidos distintos às histórias ouvidas e representadas nas suas brincadeiras. De forma que a brincadeira, do ponto de vista biológico, configura-se uma preparação para a vida e do ponto de vista psicológico, revela-se como uma das formas de criação infantil. A natureza psicológica é inteiramente determinada por aquela dupla expressão das emoções que se realiza nos movimentos e na sua organização da brincadeira.

Desse modo, um trabalho pedagógico comprometido com a literatura, envolvente, instigador e mágico demonstra o respeito ao universo imaginário das crianças e o reconhecimento das emoções como epicentro do ato educativo, expresso no olhar docente voltado aos aspectos afetivos e intelectivos, pois estes são formadores de uma unidade que não separa a razão da emoção, a ciência da arte e o sujeito da vida. Eis que esta é a grande tarefa da educação, desenvolver uma pedagogia da infância que prima pela aprendizagem e desenvolvimento por meio dos afetos, dos processos imaginativos e criativos, pois considera a criança como um ser de possibilidades.

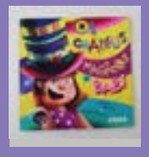
Para conhecer mais

O Sapo Sideral
Liduína Bartholo
Franco Editora

Bichos
Francisco Gilson
Editora IMEPH

O caranguejo atrapalhado
Ruth Galloway
Ciranda Cultural

Cuidado Joaninha
Jack Ticle
Ciranda Cultural



Os chapéus mágicos de Babi
Edna Ande
Editora Edebê

De que cor são as cores
Marcus Pfister
Vergara e Riba Editoras

Literatura: refletindo sobre os tempos, espaços e materiais

Ao se pensar em um trabalho de literatura com bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas, antes de tudo, se faz necessário pensar sobre: Quem são as crianças que estão inseridas nesses espaços? Que espaço é esse da Educação Infantil? Esses espaços organizados atendem às necessidades e interesses das crianças?

A rotina é o elemento primeiro e fundamental a ser pensado quando a proposta é a Organização do Trabalho Pedagógico. Esse momento deve ser entendido como parte de um todo que compõe o cotidiano e que abarca inúmeras atividades (HORN, 2004). Ao planejar atividades pedagógicas de leitura o professor(a) deve considerar os espaços e tempos, bem como os sujeitos envolvidos nas atividades propostas, para que assim, esses sejam capazes de oferecer às crianças condições para que suas necessidades e interesses sejam considerados e atendidos em um ambiente coletivo, repleto de interações, numa perspectiva de que a criança seja protagonista em seu processo educativo.

O planejamento da ação docente precisa voltar-se para todas essas questões. Mesmo que haja limitações, há que se pensar numa perspectiva de tempos e espaços promotores de aprendizagens e desenvolvimento e não somente em tempo cronológico e espaços físicos. Importante pensar em uma organização de tempo destinado ao planejamento de atividades a partir das manifestações das crianças.

Considerando um espaço promotor de interações (crianças e crianças, crianças e adultos) é preciso pensar numa organização que permita o deslocamento nos espaços internos, numa perspectiva de escola inclusiva, para que todos possam vivenciar as mais diversas experiências com a leitura. Horn (2004) chama atenção, "não basta a criança estar em um espaço organizado de modo a desafiar suas competências; é preciso que ela interaja com esse espaço para vivê-lo intencionalmente". É preciso organizar atividades desafiantes, proporcionar o contato com diferentes gêneros escritos, possibilitar às crianças a participação em contação de histórias e o incentivo para que manuseiem livros, mesmo sem saber ler ou escrever convencionalmente, vivenciando processos imaginativos e criativos que colaborem para o desenvolvimento do pensamento DCNEI (2010).

Preparar e organizar o ambiente para o momento da leitura é fundamental. Não basta inserir a leitura na rotina. O professor(a) precisa se conscientizar de seu papel de observador, para analisar os resultados da atividade e corrigir caminhos adotados. Com o tempo e com a convivência cada vez maior com livros, as crianças podem constituir uma relação de encantamento com os livros, elegendo seus prediletos, argumentando para que determinada obra seja eleita em vez de outra, se apropriando dos textos, podendo vir a reconhecer o título só de olhar a ilustração da capa.

Organização que possibilite às crianças a acessibilidade de espaços, materiais, objetos, brinquedos...

Muito se tem discutido sobre **possibilidade de escolha das crianças**, no entanto "permitir" que as crianças escolham seus materiais, não garante uma atitude emancipatória, pois é na relação com o adulto que isso se dará. Importante pensar em uma prática pedagógica descentralizada da figura do adulto, a fim de possibilitar a autonomia por parte das crianças. De acordo com Horn (2004) a sala de atividades e os demais espaços na Educação Infantil, além de sua estrutura física, devem se configurar em locais povoados com móveis, cores e objetos organizados com base nas preferências, nos projetos a serem desenvolvidos e nas relações interpessoais que ali se estabelecem. Desta forma, é importante que a criança tenha um espaço rico em objetos com os quais possa, criar, imaginar, construir e, em especial, brincar (HORN, 2004).

Outra questão relevante diz respeito à postura do professor(a) frente à prática de leitura. A maneira como o profissional pensa a organização dos ambientes em que as crianças terão contato (vivência) com os livros, traduz as suas concepções de criança, de educação, de ensino, de aprendizagem, bem como a visão de mundo e do ser humano. Pensando então na criança como ser social, ativo, capaz e em pleno processo de humanização, a organização dos ambientes deve favorecer as diversas interações entre os diferentes pares a fim de que ofereça possibilidades de exploração de materiais, bem como a participação em atividades desafiadoras, pois,

> as crianças, por serem capazes, aprendem e desenvolvem-se nas relações com seus pares e com adultos, enquanto exploram os materiais e os ambientes, participam de situações de aprendizagem, envolvem-se em atividades desafiadoras, vivenciando assim suas infâncias. Fazendo uso de suas capacidades, aprendem e se desenvolvem ao cantar, correr, brincar, ouvir histórias… (DISTRITO FEDERAL, 2018, p. 23).

Cabe ao professor, uma reflexão constante acerca do planejar e agir. Para planejar um projeto, por exemplo, é preciso levar em consideração se o ambiente criado para a leitura é: aconchegante, acessível, possui acervo de qualidade e se o espaço organizado favorece o protagonismo infantil.

A organização do trabalho pedagógico precisa ser bem planejada, pensando nos tempos, nos ambientes e nos materiais, bem como na rotina organizada. Ao desenvolver atividades, projetos de leitura/literatura, há que se ter uma atenção, um cuidado especial com o como e com o quê será oferecido às crianças, para assim oportunizar que elas experimentem, vivenciem situações de aprendizagens coletivas e/ou individuais e, façam suas próprias escolhas.

É fundamental pensar em como proporcionar às crianças atividades desafiadoras, tornar o ambiente acolhedor, atraente e convidativo, povoando os espaços com materiais atrativos e de qualidade para que elas possam conhecer e manipular diversos impressos e, também, diferentes portadores textuais (livros, revistas, gibis, jornais, cartazes, tablets, entre outros) ou, simplesmente, folhear livros (de texto e sem texto), ler, mesmo sem saber ler convencionalmente, criar e contar histórias oralmente.

No que se refere à relação entre espaços e experiências literárias defendemos que a presença de mobiliários ou qualquer outra forma de disposição que possibilite o acesso aos livros é um fator que colabora com a formação do leitor da Educação Infantil, uma vez que a organização do espaço, na concepção histórico-cultural, é constituída e constituidora dos sujeitos.

Outro ponto a destacar é a necessidade de se pensar em uma sequência de atividades planejada em que os tempos destinados à leitura sejam incorporados à rotina, uma vez que quando sistematizados, tornam-se uma das maneiras de contribuir de forma significativa para a sensibilização do leitor.

As práticas voltadas para a leitura e escrita estão espalhadas no contexto educativo e são vistas pelas crianças o tempo todo: em placas de trânsito, anúncios de supermercado, jornais, revistas, entre outros. Desde que nascem, já estão inseridas em narrativas (quando a mãe conversa com elas, anuncia a hora do banho, pergunta se querem mamar, realiza um acalanto…). Por isso, garantir experiências literárias para as crianças é uma forma de proporcionar a relação delas com os livros e com as pessoas que os cercam. Outra questão a se considerar diz respeito às atividades de leitura para bebês. Ler para eles é importante, é fundamental, pois vivemos em um mundo letrado e livros são (ou deveriam ser) objetos do nosso cotidiano.

A leitura de um livro também é uma ocasião para que a criança possa viver aventuras emocionantes e eles, os livros, precisam ser tocados, olhados, lidos, folheados, levados para casa, trazidos para a escola. Podem ser discutidos, criticados ou até mesmo, pode-se construir livros com as crianças. Então, cabe a quem vai organizar um projeto de leitura organizar um espaço para que as crianças tenham contato com os livros. Para isso é importante elucidar que:

- As obras com textos e ilustrações que apresentem personagens e temáticas que interessem aos bebês, além de oferecer enredos que não conhecem, precisam ser de qualidade.
- Os livros precisam ter qualidade literária e visual e a tarefa do professor(a) é proporcionar a relação dos pequenos com o objeto, de forma que eles possam brincar e interagir em meio à atividade.
- Para incrementar ainda mais a experiência, vale usar fantoches, montar cenários com tecidos, realizar a atividade em um canto escuro da sala, iluminando com uma lanterna.
- É preciso oferecer às crianças livros compostos de histórias sem palavras, pois oferecem estímulos para que elas narrem suas próprias histórias, desenvolvendo assim a oralidade.
- Os pequenos também podem ser contadores de histórias. Que tal possibilitar que eles assumam o papel de protagonistas nessa história?
- O trabalho com literatura abre um leque para a brincadeira. O livro pode e deve ser, também, um brinquedo.
- O espaço deve ser confortável, acolhedor e inspirador. Se quiser e achar necessário, vale organizar o ambiente com as crianças, de acordo com a história a ser contada.
- O gosto pelas histórias começa na voz da mãe, do pai e, também demais familiares contando histórias. Passa pelos contadores, professores, educadores, os quais assumem, responsabilidade de introduzir a criança no mundo da literatura.
- Na escolha dos livros, é preciso considerar o desejo das crianças, colocando-as como protagonistas de suas aprendizagens.
- É preciso ter em mente como o projeto a ser desenvolvido pode contribuir para que a leitura seja uma ação permanente na rotina do grupo.
- Incorporar na rotina planejada momentos específicos para atividades de leitura, mas também oportunizar às crianças momentos de livre escolha.

Então, diante de todo esse contexto, que tal pensar nas possibilidades de organizar espaços para as crianças na sua escola? Que tal pensar com elas e para elas cantos que, lhes possibilitem a brincadeira, estimulem a fantasia e despertem o encantamento? Professor(a), o convite foi lançado, se permita imaginar e, juntamente com as crianças alcem voos, cada vez mais altos. Esse é o desejo da Diretoria de Educação Infantil a todos os profissionais de Educação da rede. Vamos viajar no mundo da leitura.

Mary Leal

EC 12 de Taguatinga

Mary Leal

CEPI Campim Estrela - Samambaia

Mary Leal

CEI 116 de Santa Maria

Mary Leal

Creche Cantinho de Você - Núcleo Bandeirante

Os espaços de leitura de sala de aula podem ser iluminados e aconchegantes, com tapetes e almofadas. A maior necessidade no planejamento desse espaço é deixar o livro à mão da criança. O acervo precisa ficar disponível, com a capa de frente e não visto pela lombada, para que as crianças possam manusear livremente, sempre que quiserem!

Literatura infantil:

Construindo identidades e celebrando nossa diversidade

A arte de narrar histórias é tão antiga quanto a nossa existência humana.
Diz a lenda africana que as histórias se espalharam pelo mundo, numa noite de tempestade em que o vento norte abriu um baú que continha todas as histórias guardadas por um velho roedor [...] estas se espalharam por todos os lugares da terra, e assim se fez... ERA UMA VEZ!

A literatura infantil é um grande recurso da cultura que abre um mundo de possibilidades, aprendizagens, encantamentos, reflexões, emoções e conhecimentos sobre si, sobre os outros, sobre outros lugares, tempos, valores, modos diferentes de viver, conviver e ser. O texto literário, "É arte: fenômeno que representa o mundo, o homem, a vida através da palavra. Funde sonhos, e a vida prática, o imaginário, e o real, os ideais e sua possível/impossível realização" (COELHO, 2000, p. 27).

Para Candido (2004, s.p.) a "literatura dá forma aos sentimentos, à visão de mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos, portanto nos humaniza".

A arte literária é uma forma de compreensão do mundo, conforme afirmou Zilberman (2003), são narrativas que apresentam múltiplas visões em constantes disputas, suscitando várias interpretações pessoais, que decorrem da compreensão que o leitor(a) alcançou da obra artística.

Neste sentido, o contexto da Educação Infantil e dos Anos Iniciais é um lócus privilegiado de divulgação, produção e reprodução da cultura literária. Um espaço social educativo que tem a possiblidade de formação de leitores(as) e escritores(as), criativos, curiosos, sensíveis, capacitando posicionamentos sobre a realidade que nos cerca de forma crítica, ética e estética.

Mas também, esse espaço pode ser um agente de formação de identidades com visões preconceituosas, distorcidas, naturalizadas da realidade, com uma única versão sobre os fatos e acontecimentos. Por exemplo: a divulgação de uma única concepção do que é ser mulher e ser homem, independentemente da cultura em que estão inseridos ou mesmo nas relações étnico-raciais brasileira, que nos instigam reflexões sobre quantos personagens negros(as), indígenas, ciganos(as), pessoas com deficiência tem representatividades/imagens nos enfeites, ornamentos, cartazes na escola/sala de atividades?

A escritora e contadora de histórias, Chimamanda Adichie (2010), natural do Nigéria, nos conta que cresceu tendo acesso, apenas, a livros britânicos e americanos, que retratavam personagens brancos, olhos azuis e falavam sobre maçã, neve, cerveja de gengibre. E, ao começar a escrever seus próprios livros, aos sete anos, estes retratavam fielmente, os personagens daqueles livros lidos. E foi uma grande surpresa quando descobriu os livros dos escritores africanos. O mundo se abriu e viu que meninas como ela, com "pele de chocolate e cujo os cabelos crespos que não podiam formar rabo de cavalos", poderiam existir nos livros de

Para conhecer mais

Olhe para mim
Ed Frank e Kris Nauwelaerts
Pulo do gato

Menino Parafuso
Olívia de Mello Franco
Editora Autêntica

Malala: a menina que queria ir para a escola
Adriana Carranca
Companhia da Letrinhas

Madiba: o menino africanos
Rogério Andrade Barbosa

Maracatu
Sonia Rosa
Editora Pallas

Tainá: a guardiã das flores
Ayana Sobral e Cristine Sobral
Editora Avá

Qual é a cor do amor?
Linda Strachan
Brinque-book

Ernesto
Blandina Franco
Companhia das letrinhas

Quer conhecer as diferenças?
João Rodrigues
Franco Editora

histórias. Seus personagens, então, poderiam comer manga. E que o menino pobre de uma aldeia vizinha, também tinha várias histórias para contar. Essas narrativas a salvaram de uma história única.

A autora nos alerta para o perigo de narrar uma histórica única ou apenas uma versão única sobre os fatos, validando que algumas histórias são mais importantes que outras e de como as crianças são "vulneráveis e impressionáveis" em face a uma história, principalmente, quando são pequenos. Assim escreveu:

> Histórias tem sido usadas para capacitar e humanizar, mas também usadas para destruir a dignidade de um povo, para criar estereótipos, como verdades absolutas [...] O perigo de uma história única é que ela enfatiza como somos diferentes aos invés de como somos semelhantes e podemos nos identificar. Histórias importam, muitas histórias importam (ADICHIE, 2012).

CEI 01 de São Sebastião | Mary Leal

A autora nos faz refletir o poder que as histórias exercem sobre nós. E aqui compreendemos que as histórias são construídas e constituídas de palavras, de conceitos, ideologias sobre o mundo, assim como expressões verbais e não verbais, disputas de poder no acesso e divulgação do conhecimento. Estamos sempre fazendo escolhas.

Ampliando nossas escolhas, há uma riqueza de histórias que podem contribuir para a constituição da nossa identidade.

> [...] a construção da identidade é um processo extremamente complexo, e que permite a singularidade de cada um de nós. As heranças, o acúmulo coletivo, o aprendizado de hoje forma um amálgama, diferente para cada sujeito ao interagir com aspectos muitos particulares que trazemos em nosso aparelho psíquico. Ou seja, identificar-se é conviver interagir e também pode ser separar-se do outro, diferenciar-se, constituir-se em suas singularidades (BENTO, 2011, p. 107)

Portanto, uma pergunta fundamental a fazer é: **Quais histórias temos contado para as crianças no fortalecimento de suas identidades e no reconhecimento, valorização da nossa diversidade humana?**

Responder a essa questão não é tão simples, pois nos convoca a problematizar sobre como se formaram e ainda são construídas as representações e as relações identitárias no Brasil. Neste sentido, aprofundar conhecimentos sobre a complexa engenharia racial brasileira é essencial a um trabalho ético com a diversidade (discutir sobre representatividade, escravidão negra, mito da democracia racial, branquitude normativa, racismo, discriminação, construção de estereótipos, violência etc.). Ainda tratando da representatividade, tratar da discriminação e da necessidade do respeito e da inclusão da pessoa com deficiência, considerando que apesar da existência de uma deficiência, é preciso olhar para as potencialidades humanas de desenvolver-se e viver em sociedade.

Como nos apontam as pesquisas realizadas pelas autoras Bento (2011), Amaral (2013), Trinidad (2011), Cavalleiro (2006) e Carmo (2018), nas intuições de Educação Infantil, que constataram que esses espaços são fundamentais na formação identitária positiva das crianças, nas vivências e trocas que favorecem o reconhecimento e a diferenciação do outro.

Porém, também, constataram que há uma "invisibilidade e silenciamento", em ver, perceber e discutir com as crianças sobre atitudes que remetem à discriminação, racismo, estereótipos sobre o que é belo, feio, potencialidades e deficiência, manifestações culturais diversas, entre outros.

Portanto, histórias importam! Muitas histórias importam! Nosso desafio será sempre promover um olhar e encontro acolhedor para a diversidade humana.

> Se for caminhar pelo coração de uma criança, recomendo que ande descalço, pois é solo sagrado!
> UBUNTU! (Danilo Martins)

UniVerso da Literatura e Alfabetização:

Na magia das histórias um uniVerso para conhecer e explorar novas culturas, modos de ser e estar no mundo!

Lá atrás daquela serra tem criança, tem rio, borboleta, formiga, passarinho. Tem princesa, rei, rainha, fadas. Tem Maria, Pedro, João, Laura, Ana, bruxa. Tem Flor, Heitor, histórias, poesia, curucuxa. Vamos até lá? Cada uma e cada um montados em seus cavalos e carruagens coloridas partem nas asas da imaginação.

Brincam, imitam, vivem papéis, aprimoram falas, criam, vivenciam as mais diversas situações. Resolvem conflitos, descobrem letras, números, travam línguas, caçam tesouros, diversidade, faz de conta, abrem portais de uniVersos.

Assim são as histórias. Tem o poder mágico de esticar horizontes, suscitar a criatividade e criar possibilidades para as aprendizagens, desenvolvimento e emancipação das crianças, seja onde for.

E nesse uniVerso de possibilidades as crianças chegam ao ambiente da Educação Infantil. Trazem bagagens carregadinhas de culturas, realidades e contextos múltiplos. Suas mochilas coloridas marcam espaços em todos os cantos, casas, estradas. E como criadoras de vidas e produtoras de culturas trazem singularidades. Chegam,

> [...] encharcadas pelo presente; de como o corpo e os gestos preparam as aproximações, as chegadas e todas as saídas; de como uma fala tem poder de desmanchar um fim e reviver qualquer morto; de como pular corda é uma boa forma de produzir guerreiros; de como sorriso de criança aponta sempre para uma esperança; de como são belas as histórias que somos capazes de criar (OLIVEIRA, 2016, p. agradecimentos).

Um espaço urdido, tingido, tecido na inteireza de quem está e de quem chega fazendo ponte com o hoje, com o ontem, com o amanhã. Uma conferência de pássaros livres, asas inventadas. O poeta Manoel de Barros (2013, p. 13), na sua língua de passarinhos ensina que "o que eu não invento é falso". Assim, o contexto da Educação Infantil deve pintar suas cores no dividir e partilhar das experiências. Criar e criativa ser!

Como podemos começar? A escuta sensível pode ser um caminho aberto para as possibilidades do aprender e promover reflexões para os encontros e a leitura crítica de mundo.

Como fazer? Abrindo asas para o aprender!

Podemos começar fazendo uma roda. Aquela apertadinha e aberta como círculo que sempre

Para conhecer mais

Passeando por Brasília
Iris Borges
Franco Editora

O homem que amava caixas
Stephen Michael King
Editora Brink-Book

Ou isto ou aquilo
Cecília Meireles
Editora Global

Os 3 Palitos
Ana Neila Torquato

CEI 01 de São Sebastião | Mary Leal

cabe mais abraços, assentos e essência de cada uma e cada um. Pode ser em qualquer lugar: na sala, no pátio, no jardim. Tapete, flores, histórias, comidinhas, livros, água, alegria. Para onde olhar? As narrativas das crianças no cotidiano merecem ocupar lugar especial.

E, neste sentido, ousar para a escuta das narrativas das crianças no cotidiano da Educação Infantil, pode ser a chave dos encontros nos castelos encantados para o uniVerso da leitura e da escrita. As narrativas podem ser reveladoras para construção e/ou ressignificação de práticas pedagógicas para vivências em que a criança é o sujeito de seu tempo, e a Educação Infantil um lugar de desejos com portas abertas para as dimensões do humano, de forma integrada. Para Ceccin (apud CERQUEIRA, 2011, p. 22), "a escuta não se limita ao campo da fala ou do falado, busca perscrutar os mundos interpessoais que constituem nossa subjetividade para cartografar o movimento das forças da vida que engendram nossa singularidade".

Assim, a partir das necessidades, potencialidades e interesses das crianças, a escuta e o respeito à história de cada uma e cada um, pode trazer suas histórias, bem como expressar nossas concepções de infância, de criança e do lugar que elas devem ocupar nos processos que levam à aprendizagem, o desenvolvimento e a emancipação. Um lugar que deve ser cuidado, respeito, vivido com intensidade de ser. Um lugar em que a "infância é um presente da imaginação, embrulhado em papel da mais fina seda. Ela chega convencida de desejos, repleta de possibilidades com as quais só no início da vida somos capazes de conviver plenamente" (RODRIGUES, 2007, p. 39).

É sempre bom lembrar que a educação não acontece apenas na escola, ela acontece na vida, em múltiplos espaços de saberes. E, que os livros podem ser mensageiros da humanidade e de sua ancestralidade. Com os pés na tradição oral, a Literatura mantém viva a história de um povo, seus encantos, sua identidade. Em Vigotski (2010) percebemos que

> [...] é na interação social que a criança entrará em contato e se utilizará de instrumentos mediadores, desde a mais tenra idade. É a vivência no meio humano, na atividade instrumental, na (e pela) interação com outros indivíduos, que permitirá o desenvolvimento, na criança, de um novo e complexo sistema psicológico. Ele parte de uma concepção de indivíduo geneticamente social. O crescimento e o desenvolvimento da criança estão, nesta perspectiva, intimamente articulados aos processos de apropriação do conhecimento disponível em sua cultura – portanto, ao meio físico e social, ou seja, aos processos de aprendizagem e ensino (OLIVEIRA, 2010, p. 29)

Nesta perspectiva, cabe a nós, como organizadores do ambiente social educativo, proporcionar vivências às crianças COM elas no processo. Vivências que tragam suas potencialidades na articulação das diferentes linguagens e, dialeticamente, abrindo para novas possibilidades e novas produções.

Brincando no cotidiano da Educação Infantil e se encantando no reino das histórias, as crianças podem acessar o mundo das tradições, das culturas, da oralidade e do letramento de forma efetiva e singular, mas sem a imposição de uma alfabetização prematura e sem sentido para elas. Permitir que as crianças tenham acesso a uma Literatura de qualidade que traga a produção cultural que a sociedade "oferece", é acima de tudo um ato político, de afeto e de direito das crianças em que ao entrarem em contato com os livros, entram em mundos diversos onde se identificam e se veem representadas, implicando na percepção das relações entre o texto e o contexto e bem assim, na formação de sujeitos-leitores(as).

Ler um livro é como olhar pelo buraco da fechadura, que guarda consigo, do outro lado do mundo, infinitas possibilidades. Vai além do ato de decodificar letras e números. Yunes (2012, p. 61), nos ensina "que aprender a escrita ou mesmo a leitura não é um problema de letras, nem de palavras ou frases, é uma questão de entendimento, de construção de sentido, que se sobrepõe à decifração mecânica do código".

Aprender a ler, a escrever, letrar-se, é antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender seu contexto em uma constante relação que vincula linguagem e realidade, diz Freire (1989, p. 11). Para ele "a leitura da palavra é sempre precedida da leitura de mundo", sendo a aprendizagem da leitura e a alfabetização atos de educação e educação um ato fundamentalmente político carregado de intencionalidades". Galvão (2016, p. 26) elucida que,

> O objetivo da Educação infantil não é a alfabetização stricto sensu. Embora as crianças da pré-escola possam se alfabetizar por interesse particular a partir das interações e da brincadeira com a linguagem escrita, não cabe à pré-escola ter a alfabetização da turma como proposta, pois na Educação Infantil muito mais importante do que, por exemplo, ensinar as letras do alfabeto é familiarizar as crianças desde bebês, com práticas sociais em que a leitura e a escrita estejam presentes exercendo funções diversas nas interações sociais; é dar-lhes oportunidades de perceberem lógicas de escrita tais como sua estrutura peculiar, sua estabilidade e os múltiplos papéis que desempenha nas sociedades contemporâneas.

Para Soares (2008), o livro infantil põe a criança em contato com o mundo e com todos os seus desdobramentos. Devemos levar em consideração que a aprendizagem não pode ser apenas instrumental, ela deve ser dialógica, por isso o ato de alfabetizar não pode ser meramente pedagógico, mas inclui as práticas culturais e sociais nas quais leituras e escritas são extremamente necessárias. Agindo sobre o mundo no universo das histórias "o nome das coisas transforma-se magicamente, como camaleão encantado: na mesma palavra, mil matizes afetivos, diferentes expressões do mesmo ser, de diversas culturas, línguas, contextos, idades, sexos, percepções" (RODRIGUES, 2004, p. 16).

Viajar no mundo encantado das histórias é abrir janelas, portas, estandartes para a vida. E nessa magia uniVersos se abrem para as crianças conhecerem, explorarem novas culturas e diferentes modos de ser e estar no mundo! Este é o convite! Vamos pegar estrelas?!!!

As crianças contam histórias, as crianças tem histórias para contar e mundos imaginar!

Valdério Costa

A importância das práticas de letramento literário na Educação Infantil e no processo de Alfabetização:

Pensando a transição

“Uma criança que domina o mundo que a rodeia
é uma criança que se esforça por atuar nesse mundo” (Leontiev, 2001, p. 120).

Ao reconhecermos a infância como uma constituição social inserida em um contexto do qual as crianças participam efetivamente como atores sociais de pleno direito, devemos, igualmente, considerá-las sujeitos capazes de interagir com as palavras, símbolos e textos elaborados socialmente, bem como de construir novas palavras, símbolos e textos a partir dessa interação.

> As culturas infantis não nascem no universo simbólico exclusivo da infância, este universo não está fechado – muito pelo contrário, é mais que qualquer outro, extremamente permeável – tão pouco está distante do reflexo social global. A interpretação das culturas infantis, em síntese, não pode realizar-se no vazio social, e necessita sustentar-se na análise das condições sociais nas quais as crianças vivem, interagem e dão sentido ao que fazem (PINTO; SARMENTO, 1997, p. 22).

Esse contexto de interação com as palavras e textos é imprescindível para o processo de letramento das crianças e, mais especificamente, da alfabetização, considerando a transição da Educação Infantil para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. As práticas pedagógicas envolvendo o letramento literário podem e devem fazer parte do cotidiano da sala de atividades de Educação Infantil e de alfabetização nos Anos Iniciais para auxiliar a metodologia de leitura das crianças e potencializar seu desenvolvimento. A leitura literária na fase em que as crianças estão aprendendo a ler e escrever é uma atividade partilhada, na qual se confirmam sentidos e funções da leitura, construídos pela curiosidade de quem descobre que a letra diz o mundo.

No início do processo de alfabetização é importante interagir com o texto ficcional ou poético, o texto em prosa ou em verso, ora pela escuta, pela leitura silenciosa ou individual.

O fato de a criança, em geral, gostar de ouvir histórias aponta um aspecto da leitura literária nessa fase de formação. A literatura supõe um tipo de leitura em que é preciso respeitar os tempos de cada leitor(a). Portanto, devemos considerar um tempo maior para a contação de histórias no planejamento da rotina diária, tanto na Educação Infantil quanto nas turmas de 1º ano do Bloco Inicial de Alfabetização. Para isso, as crianças devem vivenciar diversas práticas de letramento literário na escola, como por exemplo:

- roda de leitura (todos os dias ou em dias alternados);
- tempo de leitura livre (em sala ou em outros espaços da escola), lembrando que na Educação Infantil, e até mesmo no 1º ano do Bloco Inicial de Alfabetização, a criança pode realizar a leitura de um livro a seu modo, enquanto o processo de alfabetização não está consolidado;
- contação de história por convidado(a) (pode ser uma atividade mensal ou quinzenal, podendo ser realizada em outros espaços da escola);
- contação de histórias pelas próprias crianças, à medida que vão aprendendo a ler e mesmo que ainda não tenham se apropriado plenamente do sistema de escrita alfabética, mas fazendo uso de sua imaginação e criatividade;
- criação de histórias pelas crianças e sua oralização;
- encenação de histórias contadas ou lidas;
- brincadeiras e jogos que explorem os sentidos do que é lido e, também a forma do texto literário;
- projeto literário que envolva não só as crianças, mas toda a comunidade escolar.

Essa mistura literária criativa é muito importante para as nossas crianças, pois as histórias que ficam da infância não são somente aquelas que lemos por conta própria, mas também, aquelas que nos foram contadas. A memória guarda, além da história e seus personagens, a voz de quem contou, sua entonação, seus gestos, sua emoção. Segundo Machado (2009), quando se pensa na formação do leitor(a), ouvir e ler narrativas literárias são atos que mais comumente localizamos no aprendizado inicial da leitura, embora nos encontremos, de modo menos frequente, em outras etapas da escolaridade.

JI 116 de Santa Maria
Mary Leal

Muitos livros que hoje fazem parte do acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) têm o claro objetivo de favorecer o letramento literário na alfabetização sem perder de vista a sensibilidade estética, enfatizando a voz infantil no texto e os primeiros contatos com a escrita na escola.

Nesse contexto, para Machado e Corrêa (2010), a literatura deve ser vista como esfera discursiva, histórica e socialmente constituída. Ela é mutável e está ligada à época, à história, à sociedade, a grupos sociais, enfim, ela muda de uma época para outra e, mesmo quando focalizamos uma única época, ela apresenta grande diversidade de gêneros e estilos.

Assim, se faz necessário trilhar um caminho com práticas de letramento literário antes e no início do processo de alfabetização, por meio de processos mediados pelos diversos instrumentos literários que existem, tendo o professor(a) como o organizador(a) do espaço social educativo, respeitando a individualidade da criança, propondo desafios e buscando favorecer a autonomia do ouvinte, do leitor(a) e do autor(a), que cada criança pode se constituir.

Para conhecer mais

Vamos Brincar?
Tino Freitas
Editora Abacate

As sementes da Riqueza
Angélica Rodrigues e Rogério Olegário
Editora Humanidades

Descobrindo o Mar
Yana Marull
Editora Mais Ativos

Que cheirinho é esse?
Vera Lúcia
Editora Canguru

Quer conhecer as diferenças?
João Rodrigues
Franco Editora

História de jacaré
Clara Rosa
Editora Elementar

Pé com pé – O jogo de rimas da Esther
Simão de Miranda
Franco Editora

Dicas de Roseana Murray

Sobre como formar professores leitores:

- Escolham um livro por mês;
- Marquem uma data para tomar um lanche gostoso e conversar sobre a leitura;
- Escolham o próximo título!

Sigam lendo!

Valdério Costa

Para conhecer mais

Imaginação e criação na infância
Lev Vigotski
Expressão Popular

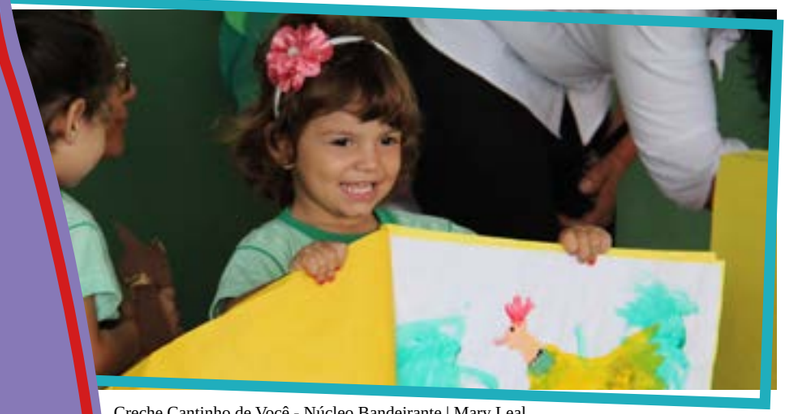
O ato estético
Patrícia Pederiva

Emoção e Imaginação
Kátia Oliveira
Débora Vieira
CRV

Infâncias, histórias e emoções
Kátia Oliveira
Débora Vieira e Paula Gomes
CRV

Como fazer “livros” com as crianças?

Como dar materialidade expressiva e visual às histórias das crianças?



Creche Cantinho de Você - Núcleo Bandeirante | Mary Leal

A escuta e o registro de um texto individual ou coletivo, elaborado pelas crianças, como atividade dirigida pelo professor(a), pode ser tornar um valioso material com inúmeras possibilidades para desdobramentos pedagógicos. O registro sistemático da oralidade da criança cria espaço e continente ao conteúdo do universo simbólico e do imaginário infantil.

O registro escrito e a gravação das narrativas oralizadas pelas crianças valoriza e acolhe suas fantasias, reflexões e seu conhecimento de mundo, dando espaço às manifestações conscientes e inconscientes e à elaborações sobre como elas se relacionam com o seu próprio universo.

O registro da oralidade da criança lhe permite entender que **o que ela fala pode ser escrito e que ao estar registrado, por escrito, pode ser lido por outras pessoas, à posteriori**. Essas são habilidades importantes que antecedem a aprendizagem da leitura e da escrita e que contribuem fortemente com desenvolvimento humano, nessa área. Registrar as narrativas das crianças deve compor a rotina da sala de atividades na Educação Infantil.

Regularmente o planejamento pedagógico precisa incluir atividades de escrita das falas das crianças, alternado entre registros dos diferentes momentos e atividades da rotina. O professor(a) pode ter sempre à mão um caderno de registros orais e também, utilizar de atividades pré-concebidas (croquis) que favoreçam essa prática.

No decorrer da semana, pode-se registrar intencionalmente, por escrito, de maneira alternada: o que as crianças pensam sobre o que desenham, o que elas trazem de informações sobre a sua vida pessoal, o que falam sobre o que fantasiam, o que falam enquanto brincam livremente, enquanto brincam no parquinho, quando brincam com a arara de roupas de adultos ou com a mala de fantasias e, ainda, as reflexões que externam no faz de conta ou, logo após ouvir uma história. Além de registros alternados de outros possíveis momentos da rotina.

Crie um ambiente individualizado para estar com cada criança. Para coletar as histórias/enredos/narrativas crie uma situação para instigar, acolher e registrar uma história ou uma produção de texto espontânea. Você pode partir dos desenhos livres de autoria da criança, ou do registro da narrativa oral, ou mesmo utilizar gravação de voz ou vídeo, desde que tenha autorização dos responsáveis para tanto.

A elaboração de livros individuais ou coletivos, com técnicas distintas, exige planejamento antecipado, organização e materiais diversos. A ação fundamental é a intencionalidade do professor(a) de registrar histórias, narrativas e enredos que sejam de fato de autoria das crianças e, ainda, garantir que o apoio desse professor(a) para a elaboração do material visual/plástico – o livro – que dará vida à essa narrativa, garanta o protagonismo infantil, ou seja, a autoria da criança nos desenhos, construções, pinturas e colagens que vão ilustrar essa história.

A construção de livros de autoria das crianças leva tempo. Uma história coletada hoje pode não ter mais o mesmo significado para a criança amanhã. Mas é impossível dar materialidade a uma história, com boa qualidade, diversidade de materiais e criatividade, quando se tem pressa em alcançar resultados. Mais uma vez, a intencionalidade do professor(a) e a qualidade da sua atenção ao que a criança lhe oferece, somados à sensibilidade dos profissionais, compõem a fórmula para o melhor aproveitamento das narrativas das crianças.

Uma vez que tenha em mãos o registro oral de uma narrativa, cabe ao professor(a) oferecer à criança o seu texto escrito com as mesmas expressões utilizadas por ela. Na Educação Infantil é importante que o professor(a) registre exatamente como ouviu, até mesmo para que a criança tenha um “espelho”, uma referência de como ela fala e também, para que se identifique com o texto, como de sua autoria.

Ao conversar com a criança sobre o texto de sua autoria, juntos criança e professor(a), vão encontrar com diálogo, oferta e experimentação de materiais, a forma mais atrativa para a criança materializar o seu texto em imagens ou, ainda, quais materiais aquela criança precisa explorar nesse momento.

Por exemplo: uma história que tenha uma torre pode ser materializada com um rolo de papelão colado à uma caixa de sapato; uma história que tenha água ou lago pode ficar bem representada em papel azul, ou mesmo com papel celofane, uma narrativa que se passe na floresta pode contar com a produção de árvores, de quaisquer materiais, em três dimensões.

Quanto menores as crianças, maior a necessidade de utilizar as três dimensões na materialização de uma narrativa. Quanto maiores as crianças mais esse trabalho pode se aproximar do que se assemelha com um livro. Papel marche, massinha e argila são interessantes suportes para dar forma às ideias, tanto no trabalho com bebês como com crianças bem pequenas e crianças pequenas, como com as crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Com as crianças pequenas e do 1º ano do Bloco Inicial de Alfabetização, ainda é interessante explorar os volumes, mas eles também, vão gostar de fazer livros em duas dimensões. Ainda assim, é interessante explorar variações de texturas e dar a eles maior autonomia para compor e escolher os materiais.

Abaixo, à título de sugestão, há uma listagem ampla de materiais gráficos e plásticos que podem ser úteis, não apenas nessa circunstância, mas no

Prata da Casa

Escritores da SEEDF

Adelaide Paula
E-mail:adelaidepaulaescritora@gmail.com
Instagran: @adelaidepaula
Site: www.recantodasletras.com.br/autor.php?id=33411

Ana Neila Torquato
E-mail:ananeilatorquato@gmail.com
Instagran: Ana Neila Torquato
Facebook: Ana Neila Torquato
Site: www.ananeilatorquato.com.br
Tel: (61) 99969-0069

Francisco de Assis Assley Faos
Tel: (61) 9212- 6890

Raquel Gonçalves e Maria Célia Madureira
Tel: (61) 99625-8126
(61) 3548-0134

Clara Rosa Cruz Gomes
E-mail: clararosaenatureza@gmail.com
Site: www.clararosacruzgomes.com.br
Tel: (61) 98175-5512
9 8338-0030

Cristiane Sobral
E-mail: crisobral@gmail.com
Tel: (61) 99433-5100

Débora Carreira
E-mail:dbxcarreira@gmail.com
Tel: (61) 9 9969-18075
3522-1846

Dinorá Couto Cançado
E-mail: dinoracouto@gmail.com
Tel: (61) 9 9970-1366

Hozana Costa
Facebook: Hozana Costa
Instagram: hozanacriss
Tel: (61) 98624-2722

Keula Rodrigues
E-mail: keulabsb@hotmail.com

Prata da Casa

Escritores da SEEDF

Lair Franca
E-mail: lairfranca@gmail.com
https://www.facebook.com/lair.
Site: lairfranca.blogspot.com.br
Tel: (61) 9848.1451

Maristela Papa
E-mail: mundodashistorias@gmail.com
Facebook: Maristela Papa ou
Amigo das histórias
Tel: (61) 99811-9498

Nice Cardoso
E-mail: nicecardoso321@gmail.com
Tel: (61) 98449-0470

Regina Melo
E-mail: reginamelo23@gmail.com
Facebook: regina melo melo
Tel: (61) 98111-1680

Regina Mendes
E-mail: gina.fatima@hotmail.com
Facebook: Regina Mendes
Tel: (61) 9 8344-7457

Rose Costa
E-mail: rosapequenina@gmail.comt
Instagram: @rosapequenina2018
Facebook: Rose Mary Costa Sousa
Tel: (61) 9 9981-2421

Rosilene Custódio
E-mail:rosilenecustodio@gmail.com

Simão de Miranda
E-mail: simaodemiranda@simaodemiranda
Site: www.simaodemiranda.com.br

Valdério Costa
E-mail: valderioartes@gmail.com
Instagran: valderioartes

cotidiano da Educação Infantil e dos Anos Iniciais. A diversidade dos materiais listados colabora para a realização de produções diferentes, com cada criança, oferecendo à turma e à Unidade Escolar um amplo espectro de experiências táteis e visuais. É interessante lembrar que não é preciso exagerar na diversidade de materiais para o uso por cada criança, pelo contrário, é interessante auxiliá-la a ter foco na criação de uma imagem ou construção que facilite a compreensão do interlocutor(a)/leitor(a)/observador(a) com a história.

O que estamos aqui neste capítulo denominando como livro, é um trabalho expressivo que simbolize a narrativa da criança, mas esse livro pode ser uma caixa de sapatos, coberta por papel colorido, com os personagens e/ou um cenário compondo essa expressão. Ou um personagem em feltro recortado, cartolina, ou ainda, uma construção feita com jornal, cola e tinta.

A narrativa da criança registrada pelo professor(a) deve compor esse trabalho. Pode estar colada, registrada à mão, digitada e pode estar completa num mesmo suporte ou separada em trechos, em diferentes páginas, que indiquem o que se aproxima à uma sequência de início, meio e fim dessa narrativa.

Dica nº 1: quando você trabalha de maneira diversificada, com cantinhos ou centros de interesse, as crianças criam autonomia para brincar e realizar atividades que exigem concentração e, assim, os professores(as) têm maior disponibilidade tanto para observação individual ou do grupo, quanto para o apoio e orientação individual e em pequenos grupos nas atividades acadêmicas.

Dica nº 2: com o planejamento em mãos, procure antecipadamente o apoio de monitores, coordenação pedagógica, Serviço de Orientação Educacional (SOE), equipe gestora, entre outros, para lhe apoiarem com a turma e, assim, garantir momentos de atenção individual com cada criança, a fim de coletar com atenção suas narrativas.

Materiais que podem ser úteis: cartolina, papel panamá, papel cartão, caixas variadas e folhas de papelão, papéis de presente. Rolinhos de base papel higiênico, rolo base de papel alumínio, caixas de pasta de dente, entre outros materiais de sucata. Caixas de sapatos de tamanhos variados. Caixas de pizza (sem resíduos de comida). Gibis, jornais, papéis de presente. Tecidos variados, feltro. Retalhos de papéis coloridos. Papéis de diferentes tamanhos e texturas, em cores variadas. Papel fantasia, papel celofane, papéis brilhantes, papel ondulado, papel crepom, cartolina, papel couché, papel camurça, papel tamanho A4 branco, papel tamanho A4 em cores, papel tamanho A3, papel pardo ou kraft.

Materiais gráficos: canetinhas, giz de cera, lápis de cor, cola colorida, cola glitter, tinta guache, pintura à dedo, aquarela, anilina, carvão, cola branca, cola para tecido, cola quente, bandejas de isopor, recortes de revistas, gibis e jornais.

Para as texturas: barbantes, linhas, lãs, papel marche, algodão, restos de papel picotado, confetes, serpentinas, purpurina, glitter, materiais e corantes naturais como terra, e tintas de beterraba, espinafre e açafrão, folhas secas, entre outros.

Para acabamentos e encadernações: barbantes variados, colchetes em metal (bailarinas), colchetes de plástico, espiral de encadernação, grampeador e grampo, prendedores de roupa, aros de chaveiro, linhas de costura e agulha, encadernadora, perfurador comum, tesouras decorativas variadas/tesouras para picotar, tesouras comuns, fitilhos e fitas de cetim.

Bibliotecando

A SEEDF possui algumas bibliotecas abertas ao público, com acervo disponível para a primeira infância e organizam atividades para receber e atrair o público leitor. Que tal agendar uma visita para ir com seus colegas ou com sua turma conhecer a biblioteca mais próxima da sua Instituição de Ensino?

Biblioteca BRAILLE CEEDV

As crianças cegas ou com baixa visão contam com a Biblioteca Braille CEEDV para acessar e conhecer a literatura infantil e outros materiais de pesquisa.

A Biblioteca Braille CEEDV possui acervo literário apropriado para a primeira infância. O acervo é adaptado, com exemplares ampliados, e exemplares em Braille. A Biblioteca realiza empréstimo de materiais para alunos e para o público cadastrado. Professores e comunidade podem se cadastrar. A biblioteca tem, ainda, o Clube do Ledor, em que voluntários produzem amplo acervo em áudio, para o público cego das demais faixas etárias.

Telefones: (61) 3345-1631/ 3901-7607/ 3901-7609
e-mail: bibliotecabrailleceedv@gmail.com
Atendimento: segunda à sexta-feira, das 7h30 às 17h30

Biblioteca Bilingue

A Biblioteca Castro Alves da Escola Bilíngue de Taguatinga (EBT) é especializada no público surdo.

Realiza atendimento regular semanal, de 50 minutos, à todas às suas turmas da Educação Infantil e anos iniciais da EBT, o atendimento é planejado priorizando os estímulos visuais e inclui contação de histórias com interpretação em Libras, dramatização de histórias, apresentação de vídeos, projeções de imagens, cantigas de roda e de cantos populares, acesso ao acervo e incentivo ao empréstimo semanal dos livros. Atualmente realiza ainda um projeto de correspondência, por cartas, com as crianças, sobre o mascote da EBT.

Como o acervo é pequeno, o seu empréstimo é exclusivo aos estudantes matriculados na escola, mesmo assim, as professoras estão abertas para receber o público externo e professores da rede para trocas pedagógicas e compartilhamento de ideias.

Telefone: (61) 3901-6741
Atendimento: segunda à sexta-feira, 7h30 às 12h30 e 13h às 16h30

Bibliotecas da SEEDF:

Biblioteca Escolar e Comunitária Tatiana Eliza Nogueira EQS 108/308 - Brasília, DF, 70347-000, (61) 3901-7600

Biblioteca Infantil 104/304 sul – Escolinha de criatividade – Brasília - DF, 70297-400, (61) 3901-1541

Fique de olho!

A biblioteca é o principal meio para o acesso gratuito aos livros. A universalização das bibliotecas em instituições de ensino públicas e privadas é um direito garantido pela Lei 12.244/10, que deve ser implementada até 2020. Conheça a campanha para garantir a efetividade dessa lei em:
www.euquerominhabiblioteca.org
e instrumentalize a sua instituição de ensino com referências sobre a importância do acesso ao livro e à biblioteca escolar.

Imperdível !!!

Na plataforma do Instituto Pró-livro você terá acesso às argumentações de autores renomados que tratam do fomento à leitura e do acesso ao livro enquanto analisam os dados das diferentes edições da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil.
Acesse www.prolivro.org.br

Para conhecer e aproveitar!

A Gerência de Políticas de Leitura e Tecnologias Educacionais – GLTE disponibiliza materiais que farão diferença na sua escola. Aproveite!

- A cor da cultura;
- Caixa Estante;
- Painel Folclórico.

Para conhecer mais sobre os projetos visite o link do Catálogo de Programas e Projetos da SUBEB, 2019, p.29 ou entre em contato:
E-mail: glte.dimd@edu.se.df.gov.br
Tel: (61) 3901-3105

De encher os olhos e o coração

Navegando pela internet você pode visitar uma biblioteca de encher os olhos que fica em Caxias do Sul, R.S.: Vale à pena conhecer e seguir as redes sociais do ambiente lúdico e acolhedor do Instituto de Leitura Quindim. A instituição, sem fins lucrativos, possui Centro de Estudos e Pesquisas, Livraria, e uma Biblioteca referência, com 5000 títulos criteriosamente selecionados. Realiza diversas práticas e atividades criativas para fomentar o acesso e o direito à leitura, ao livro e à literatura.

https://instagram.com/institut de leituraquindim?
"https://www.facebook.com/instituto"

Biblioteca Comunitária Érico Veríssimo – Brazlândia - St. Sul - centro, Brasília - DF, 72715-026, (61) 3901-6625

Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato – Planaltina - St. de Educaçâo - Planaltina, Brasília - DF, 70910-900, (61) 3107-2676

Biblioteca Rui Barbosa – Sobradinho - Q 4 - Sobradinho, Brasília - DF, 71900-100, (61) 4020-7525

Biblioteca Cora Coralina – Ceilândia - St. N QNN 14 - Ceilândia Sul, Brasília - DF, 72220-140, (61) 3901-7541

Biblioteca JK – Guará – EQ 17/19 lote B, área especial, Guará, Brasília - DF 71050-75, (61) 3383-7286

Biblioteca Pública Machado de Assis e Biblioteca Braille do Espaço Cultural Taguatinga

Endereço: CNB 01 Àrea Especial (Taguatinga)
Telefones: (61) 3351-3134/ 3563-6198
Email: bibliotecadetaguatinga@gmail.com
Horário de Funcionamento: Segunda a Sexta das 8h ás 22h/Sábado 9h ás 17h

Para conhecer outras bibliotecas do Distrito Federal e acessar informações valiosas sobre o Sistema Nacional de Bibliotecas e demais políticas de fomento à leitura, visite: snbp.cultura.gov.br

Valdério Costa

Vale a pena conhecer quem anda espalhando histórias e incentivando a Literatura no Distrito Federal

CASA DE AUTORES

O Instituto Cultural Casa de Autores (ICA) reúne cerca de 20 escritores que produzem livros de diversos gêneros literários para diferentes faixas etárias.

Nossos escritores visitam escolas para contar histórias, bater papo sobre criação literária, ministrar palestras, oficinas, cursos de formação de professores, lançar e autografar livros, organizar festas literárias como a Flipiri, em Pirenópolis.

Com todas essas atividades e essa produção literária, o ICA contribui para o fomento da leitura e a valorização do livro e do escritor, numa proposta abrangente de defesa da educação, dos alunos, dos professores e das escolas.

casadeautores@gmail.com
(61) 3244-0940
509 Sul, bloco A, loja 54

casa de autores

AIAB

A Academia Inclusiva Brasiliense consiste na integração de escritores brasilienses a deficientes visuais, ambos autores em Braille, visando leituras e produções literárias por meio de obras acessíveis aos leitores especiais.
Conta, hoje, com 222 membros. E possui obras transcritas em Braille e/ou gravadas estimulando a inclusão social correspondem ao recurso básico da Academia.

Informações: academiainclusivabrasiliense@gmail.com ou 999701366

SINDESCRITORES

O Sindicato dos Escritores do DF é primeira entidade sindical de Escritores do Brasil. Promove ações e iniciativas que ajudam a fortalecer a categoria profissional. Atua como parceiro e integrante do Comitê Gestor do Movimento Brasília Leitora e da Feira Internacional do Livro de Brasília. Realiza ações culturais e literárias marcadas pela reflexão de nossa história, promove e divulga o fazer literário, o autor local e suas obras, promove palestras técnicas e orienta os escritores iniciantes a editar seu texto.

Paepalanthus

Ou sempre viva, como é popularmente conhecida, é uma flor do cerrado que permanece sempre florida, mesmo depois de seca.

Com o objetivo de manter sempre viva a arte de contar histórias, o Grupo Paepalanthus, composto por Aldanei Menegaz, Iclélia Maranhão, Míriam Rocha, Rose Costa e Simone Carneiro, reuniu-se em torno das tradições orais para levar ao público esta arte milenar que encanta, fascina, instiga, informa, diverte e aproxima pessoas.

Trupe da Carochinha

A Trupe da Carochinha é um grupo de contação de histórias e a formação continuada (contação de histórias, confecção e manipulação de bonecos) formado por Christofer, Márcia Bittencourt e Luciana Ribeiro. O trio atua nos Centros de Vivências Lúdicas – Oficinas Pedagógicas, projeto que oferece formação continuada no âmbito da Secretaria de Educação do Distrito Federal há 33 anos.

Instagram: Trupe da Carochinha
Telefone: 9 9162 4525 (Márcia)

Amigos das Histórias

Desde 1995 realiza ações voluntárias com narrações de histórias e incentiva a formação de projetos literários em varias instituições de educação e cultura. Organizadores do projeto Caravana de histórias que percorre escolas de todo o DF e da mostra Nacional de Contadores de Histórias, o grupo costuma reunir contadores de história em um animado sarau de histórias nas segundas quintas-feiras do mês no Taguaparque. O sarau é aberto ao público!

"Cada leitura é uma nova leitura, é uma nova possibilidade, é um novo livro que se apresenta.
Eu sou um novo leitor perante esse livro".
(Volvei Canônica)

CEI 04 - Sobradinho | Mary Leal

JI Casa de Vivência - Planaltina | Ana Neila Torquato

Creche Cantinho de Você - Núcleo Bandeirante | Mary Leal

CEPI Capim Estrela - Samambaia | Mary Leal

CEPI Capim Estrela - Samambaia | Mary Leal

JI 302 Norte - Plano Piloto | Mary Leal

CEI 304 - Recanto das Emas | Mary Leal

JI 116 - Santa Maria | Mary Leal

JI Menino Jesus - Brazlândia | Mary Leal

EC Corrégo Barreiro - Gama | Luis Tavares

JI Menino Jesus - Brazlândia | Mary Leal

Creche Renascer Tio Pedro - Guará | Mary Leal

Mary Leal

Escola Classe Bucanhão - Brazlândia

Ao entrar na Escola Classe Bucanhão, tivemos a certeza de que um lugar triste é escola sem crianças. Era possível ver seus sinais nos murais, nas mochilas deixadas nas salas. Àquela altura, o silêncio era grande e a curiosidade maior ainda. Afinal, onde estariam elas? “Foram passear”, respondeu sorrindo a professora Edinéia Cruz, coordenadora pedagógica.

Mas todas de uma só vez? “Sim, é assim que as crianças e professores da Escola Classe Bucanhão costumam realizar suas atividades. Somos um só grupo, apesar das especificidades, formamos um todo que trabalha e cuida uns dos outros”.

E para onde foram? “Foram visitar as nascentes de água, depois farão um piquenique enquanto ouvem histórias embaixo de alguma árvore. A contação de histórias é uma prática comum aqui na escola. Tudo aqui gira em torno das histórias”, completa Edinéia.

Tendo a Literatura como carro chefe, a cada duas semanas, professores, coordenação e equipe gestora se reúnem para organizar sequências didáticas, que consideram os currículos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental e que sempre têm como tema uma história. Segundo a coordenadora, em função do projeto, “O crescimento da escola nos dois últimos anos é considerável. Ela ganhou muito em termos de organização pedagógica. A equipe gestora é do fazer pedagógico e a Vice-Diretora, Professora Ane Rúbia, tem uma habilidade admirável com a contação de histórias e com organização das sequências didáticas”.

Decididamente, havia muitas surpresas escondidas naquele silêncio inicial. Silêncio que foi quebrado num encontro cercado de verde, com goiabas maduras ao alcance das mãos. Avistamos as crianças numa trilha, quando já voltavam do passeio. E querem saber quem nos acompanhou até o grande encontro? Uma simpática cadelinha chamada Princesa. O que dizer de uma escola que tem nascentes, trilhas e até uma Princesa só dela? Bucanhão: um lugar alegre e cheio de histórias para contar.

E as crianças? São 144 crianças de Educação Infantil ao 5° ano do Ensino Fundamental (algumas estudam em período integral). Elas se envolvem no projeto, pois além de ouvir histórias, os pequenos contam histórias uns para os outros e para seus professores, criam novas versões para contos e causos, fazem coreografias, contam piadas.

As crianças fazem e apreciam, falam, mas também, sabem escutar. Elas prestam atenção, ajudam, aplaudem, parabenizam a iniciativa de participação, uns dos outros. Para Edinéia, que acompanha a escola desde 2016, “A interação das crianças é muito boa. O intervalo acontece ao mesmo tempo e isso gera o sentimento de coletividade que toma conta da escola”.

No lançamento oficial do Projeto de leitura haverá a apresentação de uma bailarina, numa referência à obra de Saint Exupery: O Pequeno Príncipe. O texto foi escolhido justamente pelos sentimentos de amizade e respeito que norteiam o trabalho pedagógico.

Ao longo do ano as crianças levam livros para casa e um autor é escolhido para inspirar o desenvolvimento de diversas atividades a partir de sua obra literária. No dia da culminância, que geralmente acontece no final do ano, as crianças recebem o autor com muitas perguntas. Além disso, há apresentações teatrais, músicas e artes plásticas.

Além da presença do escritor João Bosco, este ano, o projeto literário terá a participação especial de Dona Marly, pintora e poetiza, que doou o terreno para a construção da escola. Há mais de três décadas, Dona Marly dava aulas para as crianças em sua casa, hoje fica feliz com a visita delas em sua propriedade e em contar-lhes histórias de tempos antigos, de quando faziam o lanche da meninada numa grande panela. Panela que ainda existe e que ela guarda como recordação. É por essas e outras, que dizem que “Aqui tem história”. Origem do nome do projeto literário da Bucanhão.

Ah... que vontade de ouvir mais histórias enquanto caminhamos pelas trilhas. Se Antoine de Saint Exupery, em O Pequeno Príncipe, diz que “somos eternamente responsáveis pelo que cativamos”. Dizemos, então: Aguardem nosso retorno, Escola Classe Bucanhão! Escola que nos cativou.

Para falar com a Unidade Escolar:

Endereço: DF 415 km 3.7 Sentido BR 080
Telefone: (61) 3506-2081 (orelhão)
E-mail: ecbucanhao@gmail.com

Compartilhando experiências

Mary Leal

Compartilhando experiências

Mary Leal

Jardim de Infância Menino Jesus - Brazlândia

Fazendo uma relação com o nome da instituição e com a dinâmica de trabalho desenvolvida pela Irmã Poliana e sua equipe, podemos dizer que, se o Menino Jesus renasce a cada Natal, os projetos do Jardim de Infância Menino Jesus se renovam anualmente.

No JIMJ, como é conhecida esta Instituição Educacional Parceira de Brazlândia, cada um dos projetos desenvolvidos é deixado à cargo de uma professora. Assim, as regentes passam a ser, de algum modo, em alguma medida, um pouco coordenadoras e muito sonhadoras. Sonhadoras de um sonho que se realiza no coletivo.

A ideia é que a professora proponha atividades a serem desenvolvidas pela sua e pelas outras turmas. Este ano, a responsável pela idealização do Projeto Plenarinha: "Brincando e Encantando com Histórias" é a professora Roseli Ribeiro, que juntamente com as crianças de 5 anos, a essa altura, já está imaginando as mais lindas aventuras pelo mundo encantado das histórias.

Ideias não faltam: um livro gigante de cada turma, com recontos e com suas próprias narrativas, tarde de autógrafos com livros que as próprias crianças criarão, produções artísticas nas mais variadas nuances, a partir das obras literárias de um autor que será convidado a visitar a instituição na Mostra Literária, contação de histórias com pais e contadores profissionais, mala da leitura, interpretação e muita arte, são algumas das atividades, sinalizadas pela professora Roseli, como possíveis para o projeto que está tomando forma enquanto o trabalho do ano se inicia.

Chama a atenção o fato de que o convívio entre crianças e livros é uma preocupação crescente no JIMJ. segundo Lígia Batista, coordenadora pedagógica da instituição, "A gente tinha mania de guardar os livros por cuidado, mas agora sabemos que livro não é patrimônio". Nesse contexto de explorar diversos gêneros textuais, as crianças iniciaram os trabalhos com uma poesia.

Poesias são sempre bem-vindas por lá e ganham um ar de superprodução, quando as crianças sobem no palco. O jardim é dono de um variado figurino. "Ainda não conseguimos comprar sapatos, mas das fantasias fazemos questão. As crianças adoram!" Diz irmã Poliana.

Crianças emprestam sua espontaneidade, narrando e interpretando o encantador poema de Elias José, "A casa e seu dono". E enquanto recitam, eu me pergunto: como seria a casa criada por nós, com a imaginação que ganhamos de presente das histórias que ouvimos ao longo da vida? Certamente, uma casa colorida que caiba tudo de bom e belo dessa vida. Que tenha janelas por onde entre a luz do sol, a luz da lua e a luz que emana do Menino Jesus.

Que o colorido e a luz dessa casa imaginária inspirem a Professora Roseli e sua turma e que juntos eles consigam contagiar o JIMG com a magia das histórias.

Para falar com a Instituição Educacional Parceira:

E-mail: cio.meninojesus@gmail.com
Telefone: (61) 3391-1113
Endereço:AE 02 Norte – LTS M/N Setor Norte Brazlândia.

Mary Leal

Mary Leal

Escola Classe 35 de Ceilândia

Se saborear um bom cafezinho enquanto conversamos é bom, digo que não deve ser mais gostoso que o “Café Literário” da Escola Classe 35 de Ceilândia. Desde 2013, escritores de Brasília são convidados a participar de um momento especial com as crianças, que durante todo o ano, se aventuraram pelas histórias criadas por eles.

Podemos dizer, porém, que antes do Café ser coado, muita coisa passa pelo bule: tudo começa com a escolha dos autores e livros, por trabalhos cênicos que envolvem professores e crianças, atividades que envolve o brincar e que tem como tema central as histórias dos livros selecionados.

Segundo a Supervisora Pedagógica e escritora infanto-juvenil Juliana Crestani, “o objetivo do nosso projeto é a leitura deleite. Se a leitura de determinada obra acaba motivando a turma a realizar uma atividade, será ótimo, mas se o momento for apenas pelo prazer de ler e conhecer uma nova história também será maravilhoso”. O intuito não é o de imbricar a literatura aos conteúdos programáticos, mas fazer com que crianças e adultos se envolvam e sejam contaminados pelos encantos que a leitura pode provocar. O uso do livro para fins didáticos pode acontecer em algum momento, mas não é a regra por aqui. Se a literatura divertir, despertar curiosidade, já vai ser bom demais.

O nome do projeto é justamente esse: “Ler é bom demais!” E como não acreditar se o movimento da escola diz exatamente isso! É comum ver as crianças entrando e saindo da sala da Supervisão em busca de livros e sentir o seu entusiasmo com qualquer proposta relacionada à literatura, seja ela a solução do mistério de um suposto sumiço de livros ou a torcida para que o bem vença o mal em uma peça preparada pelas professoras para a abertura do projeto.

Aliás, criar uma peça ou readaptar uma história para a abertura de um projeto é comum, mas uma abertura que dura a semana inteira com ações integradas e envolvendo a participação das crianças, não é tão habitual de acontecer, mas é possível de se ver por aqui, no “Ler é bom demais!”.

Valdério Costa

Nas salas de atividades, caixas de livros tentam substituir, pelo menos parte, do serviço que seria prestado pela sala de leitura, pois são nelas que abrigam os livros para empréstimo. A boa notícia é que a sala de leitura, fechada há dois anos, é preparada para a reinauguração.

Consegue imaginar essa reinauguração?

Eu consigo até visualizar: crianças entusiasmadas, professores talentosos, personagens saídos dos contos de fada desfilando pelos corredores da escola, muita história e encantamento, sem contar o cheirinho de café tomando conta do ambiente. Tudo isso, porque “Ler é bom demais”.

Para falar com a Unidade Escolar:

Endereço: EQNP 13/9 - Ceilândia, Brasília - DF, 72240-560
Telefone: (61) 3901-6888
E-mail: ec35@creceilandia.com

Mary Leal

Escola Classe Córrego Barreiro – Gama

Luis Tavares

Ao chegar à Escola Classe Córrego Barreiro estamos diante de um grande quintal, repleto de árvores catalogadas pelas próprias crianças, uma horta cultivada com conhecimentos aprendidos na comunidade, um minhocário que é sucesso e orgulho entre os pequenos. Com uma proposta pedagógica bem antenada, a sua realidade de escola do campo, a Córrego Barreiro alia natureza e literatura de forma magistral. Segundo a gestora Marly Froes, “A intenção é manter as crianças, o maior tempo possível, em contato com a literatura”. Para isso várias ações são desenvolvidas durante o ano, todas interligadas ao projeto maior: “A caminho de uma escola sustentável”.

A sala de leitura tem um acervo modesto, mas bem organizado e a ideia é que o “livro é para ser usado”. Lá não há dias marcados para visitas. A sala Ziraldo é um espaço sempre aberto aos empréstimos e aos voos da imaginação.

Para chegar à sala dos livros e cata-ventos coloridos que enfeitam as paredes, é preciso passar por um pequeno hall e nele é impossível não parar por um instante, para apreciar os móbiles poéticos que escorregam pelas paredes ou folhear um dos livros de literatura que estão ao alcance das mãos que passeiam por lá.

Em sala de atividade, os professores regentes, os cantinhos da leitura e as caixas literárias guardam sempre uma surpresa, vira e mexe os livros são trocados e num zás trás, novas histórias aparecem por lá! O sistema de rodízio permite que as crianças tenham acesso a um maior número de livros durante o ano.

Nas coordenações coletivas a literatura é assunto recorrente, “Para que consigamos desenvolver um bom trabalho com literatura é importante que o professor seja leitor”, afirma Renata Jardim, responsável pela sala de leitura do Córrego Barreiro.

O protagonismo infantil está na escolha das prioridades e transformações dos espaços da escola, nos pequenos cartazes pregados nas paredes, nas apresentações do projeto cultural que acontecem todas as sextas-feiras regadas à música, dança, histórias e poesias.

Você está convidado a conhecer esse quintal tão belo. E se esperar a primavera chegar, não se surpreenda caso esbarre em alguém declamando poesias. Em setembro, na Córrego Barreiro, “Todo dia é dia de poesia”. Durante o mês de setembro, os servidores da limpeza, cantina, professores, crianças e visitantes são convidados a libertar sua poesia e dividi-la com quem estiver por perto. Se você souber alguma poesia de memória, fique à vontade para declamá-la. Se não, basta tirar alguma da pequena gaiola que representa o projeto. Lá, há sempre uma poesia esperando para ser libertada.

Ah… não se assuste se durante a sua estadia acabar encontrando um escritor ou ilustrador. Autores costumam ser convidados para o “Piquenique poético” da escola. Nesse momento artistas e crianças dividem frutas colhidas no pé, suas histórias e o seu amor pela literatura.

Para falar com a Unidade Escolar:

Endereço:BR 060, df 180, Km 08- Núcleo Rural Ponte Alta Norte- Gama/DF
Telefone: 3506-1002 (orelhão)
E-mail: eccb.cregama@gmail.com (melhor comunicação)

Luis Tavares

Renascer Creche Tio Pedro – Estrutural – Guará

Mary Leal

Um sobrado colorido dá vida à paisagem cinza do lugar. Quando o portão se abre, somos recebidos com um abraço acolhedor e os sorrisos largos da equipe da Creche Renascer Tio Pedro e mais de 50 crianças de 3 a 5 anos de idade, que passam, 10 horas de seu dia neste contexto educativo.

Com salas de atividade bem pequenas e a escassez de uma área verde ou pátio aberto para brincadeiras na área da escola, a possibilidade de atenuar o problema é a utilização da quadra comunitária que fica na frente da creche, a montagem corriqueira de cantinhos de interesse e um parquinho móvel num pequeno espaço logo na entrada da escola. Um pequeno espaço que o poder das histórias pode transformar em algo grande. Naquele canto o que é pequeno vira grande, sapo vira príncipe e vice-versa, professora vira poeta e criança mostra que é artista. Ali acontece, quinzenalmente: a "Hora do Conto".

A "Hora do Conto" é uma das ações da creche em prol da literatura e do incentivo ao convívio das crianças com os livros. Segundo a Coordenadora Reijane Teixeira, "As histórias contadas e dramatizadas pelos professores e crianças na "Hora do Conto", são selecionadas de acordo com o projeto que está sendo realizado no momento. As crianças participam, eles são atores, atuam na contação de história preparada, anteriormente, junto com as professoras".

A Professora Jessyca Passos, Diretora da instituição, esclarece que em uma comunidade carente, nem todas as crianças que frequentam a creche têm acesso a livros ou a vivência com histórias infantis em casa, "O acesso aos livros e à literatura é de primordial importância para a vida das crianças. Eles chegam na escola sem nenhuma intimidade com o livro, depois de dois ou três meses eles querem estar com os livros". Pensando nisso, além de contar histórias diariamente na sala de atividades, a instituição educativa adota uma prática comum no Distrito Federal, a "Sacola de leitura".

Às sextas-feiras uma criança leva um livro para casa.

Mary Leal

Esse livro será comentado na rodinha com toda a turma na segunda-feira seguinte. A escolha do livro é, por vezes, da criança e, em outros momentos, direcionada pela professora. Quando a criança escolhe o livro e reconta a história, o processo de busca pelo protagonismo infantil é mais evidenciado. Quando a professora seleciona o livro, a história é usada como ponte para exploração de algum ponto ligado a determinado objetivo de aprendizagem e desenvolvimento de seu planejamento.

A professora Reijane, comenta, ainda, que para os pais "não é imposto que mandem para a escola nada por escrito, somente sugerimos que as crianças que queiram fazer um desenho o tragam na segunda para o momento de reconto da história". A intenção é que a literatura chegue às casas por meio das crianças, sem obrigatoriedade didática pedagógica, mas como um momento prazeroso de partilha entre a família". Quem dera práticas como essa conseguissem levar as cores da creche para cada casa e, pouco a pouco, contagiar a comunidade inteira...

Pouco espaço e um pequeno acervo com bons livros, a Creche Tio Pedro é grande em vontade de fazer a literatura acontecer. Nas salas de atividades e na brinquedoteca, livros e brinquedos se misturam e enriquecem a imaginação das crianças que carregam livros em carrinhos, contam histórias para bonecas e bichos de pelúcia, convivem, e pouco a pouco, aprendem a gostar e cuidar dos livros.

Para falar com a Instituição Educacional Parceira:

Endereço: St. Leste Qd 6 Conj 02 Lts 01 e 26, EPCL - Guará, Brasília - DF, 71261-610
Telefone: (61) 3465-4975
E-mail: crecherenascerestrutural@gmail.com

Mary Leal

Creche Cantinho de Você – Núcleo Bandeirante

Na entrada da creche “Cantinho de você” há um pequeno jardim, resultado de ações de Plenarinhas anteriores. Estar ali, em meio ao colorido vivo daquele lugar, aguça a curiosidade por saber das surpresas que habitam depois dele...

E que doces surpresas!

Uma tenda de aproximadamente 6x6 metros, feita de TNT e cano PVC é a biblioteca móvel da creche. Ela é montada, semanalmente, em diferentes lugares. A tenda é linda e colorida, mas fica ainda mais bonita quando está repleta de crianças manuseando seus livros. Livros, de todas as cores, tamanhos e, a julgar pelas lambidas e mordidas dos bebês, eles devem ter deliciosos sabores.

As atividades que envolvem literatura e arte são parte da rotina desse contexto educativo. Além de tornar as crianças leitoras, a literatura pode transformar também, os profissionais da educação que trabalham na instituição. Segundo Ana Paula Rios, coordenadora pedagógica, “A gente precisa envolver as professoras. Além da trabalhar com as crianças, elas ajudam nas pesquisas. Aqui temos que colocar a mão na massa. É preciso deixar a timidez de lado”.

Ana Paula fala, ainda, do incessante trabalho na tentativa de compensar as poucas horas de coordenação com professores. “Pela falta de tempo, os trabalhos de formação são sempre fragmentados”. As histórias precisam de tempo para serem selecionadas, lidas, relidas… Afinal, uma história só chega ao coração da criança, se chegar, primeiro, ao coração do professor(a).

Voltando ao deleite das histórias, vamos ao pátio e visualizamos, cerca de 150 bebês e crianças bem pequenas que escutam, cantam, gesticulam uma singela canção:

“Agora vou contar uma história.
Agora atenção!
Que começa bem no meio da palma da sua mão
Bem no meio tem uma linha ligada ao coração.
Quem sabia dessa história muito antes da canção
Da sua mão, da sua mão...”

Com os corações ligados às histórias, as crianças não se limitam a ser plateia. Eles cantam, interagem, dançam, representam e contam histórias. Eles são os protagonistas!

Qual será o segredo para fazer este espetáculo acontecer? Como conseguir que crianças tão pequenas sejam

Compartilhando experiências

tão participativas e atenciosas? A resposta está no hábito da escuta, no contato rotineiro com livros, no trabalho pedagógica que alia movimento, música e literatura.

O entusiasmo da equipe de coordenação, professores e monitores diante de cada gesto, cada palavra, é visível e empolgante. Para quem assiste, resta a certeza de que, de alguma forma, as histórias ligam os nossos corações. É impossível não se emocionar enquanto sonhamos acordados diante da encenação da “Casa Sonolenta”.

Decididamente, a Cantinho de você é o cantinho de “grandes/pequenos” contadores de histórias. É uma instituição de Educação Infantil para guardar no cantinho do coração.

Para falar com a Instituição Educacional Parceira:

Endereço: QR1A Praça do Bosque lote 8 - Candangolândia
Telefone: (61) 3301-1699
E-mail: crechecantinhodevoce@gmail.com

Valdério Costa

Mary Leal

Escola Classe Lamarão – Paranoá

Para conhecer a Escola Classe Lamarão e a paisagem campestre que a abriga é preciso fazer uma pequena viagem. São 52 quilômetros, cerca de 1 hora e meia da Região Administrativa do Paranoá. O nome do projeto da escola? “Viajando na leitura”, nome melhor, não poderia existir.

Charles Baudelaire, poeta francês, costumava dizer que “a imaginação é parente do infinito”. E o que são 52 quilômetros se comparado ao infinito de possibilidades de nossa imaginação? Digamos, então, que a Escola Classe Lamarão é bem pertinho, logo ali.

A escola tem experimentado diferentes roupagens para o projeto desde 2014 e, a cada dia, se firma na certeza da importância de proporcionar momentos significativos em que a literatura esteja associada ao envolvimento e ao despertar da imaginação.

Em 2018, a escola desenvolveu o projeto, “Parada Literária”. Às segundas-feiras, quando ouviam a música, as crianças já sabiam que era hora de parar o que estavam fazendo e, simplesmente, ler: ler sozinha o livro que elas mesmas haviam escolhido, ler umas para as outras, ouvir os mais variados gêneros literários por meio da mediação de leitura do professor(a).

Este ano, a Lamarão retoma o projeto “Viajando na leitura”, que teve sua primeira versão em 2017 e renasce com o intuito de promover e incentivar o gosto pela leitura e pelos estudos, estimular o hábito de leitura envolvendo crianças e famílias.

Para envolver as famílias e facilitar o acesso ao acervo literário da escola, uma das ações do “Viajando na leitura”, é o registro de uma atividade realizada com a família, a partir da leitura de um livro literário que a criança leva para casa, todas às quintas-feiras.

O diferencial do trabalho da Escola Classe Lamarão está na maneira como o material que chega de casa, é explorado ao longo da semana. Todas as crianças têm o tempo para falar de sua produção e dividir sua experiência com os colegas e com a professora, que faz intervenções pontuais trabalhando a oralidade, plasticidade e escrita de forma coletiva e individual. Para a Vice-Diretora, Aline Soares, “fazer a intervenção é fundamental e é justamente essa prática que traz os resultados positivos à escola”.

Outra ação do projeto é o registro no álbum coletivo. Quinzenalmente, uma criança fica responsável pelo livro de registro coletivo e, a partir de alguma obra literária, dá sua contribuição para o livro da turma. Na opinião da professora Cláudia Versiani, Diretora, “Não adianta fazer de conta, é preciso incentivar o gosto pela literatura e cuidar de cada produção de maneira individual, o nível de aprendizagem de nossos alunos é ótimo”.

Pelo visto, o convite para viajar com a Escola Classe Lamarão, vai além da distância a ser percorrida. Ela nos demanda o tempo de amadurecimento das boas ideias e a busca pelo infinito que a literatura nos proporciona. Essa é uma viagem que vale a pena fazer e uma escola que vale a pena conhecer. Vamos lá?!

Para falar com a Unidade Escolar:

Endereço: BR 251 Km 06 DF 285 VC 441
Telefone: (61) 98673-6190
E-mail: eclamarao@gmail.com

Mary Leal

Escola Classe 11 – Planaltina

Mary Leal

Era uma vez uma professora apaixonada por literatura que contava muitas histórias... e de tanto contar, seus contos foi espalhando essa mania de histórias e poesias. Assim, começa a história do Projeto “Hora Encantada” da Escola Classe 11 de Planaltina.

A professora Girlene Santana, que hoje compõe a equipe gestora, como Vice-Diretora, já realizava a “Hora Encantada” com suas crianças quando era regente de classe. Aos poucos, outros colegas começaram a desenvolver o projeto em suas salas. Ao assumir a Coordenação e logo depois, a Vice Direção, Girlene não abandonou a ideia do projeto. Ao invés do encerramento, ele ganhou forma e força. Nos últimos dois anos, todas às terças-feiras, em algum cantinho, seja no pátio, parquinho, corredor ou sala de leitura, a magia das histórias renasce.

Qualquer lugar é lugar para se conhecer mais sobre os escritores, cantar, aprender e ouvir boas histórias. Para a idealizadora do projeto, o objetivo é “despertar o prazer pela literatura, a expressão, a imaginação. É através dela que o professor consegue ouvir a criança. O projeto tem dois anos nesse formato e não é nada demais. É uma contação de histórias feita de diferentes formas. Às vezes é fantoche, música, às vezes com avental ou um bichinho”.

Nesse novo formato, a equipe pedagógica seleciona as histórias e organiza a contação, mas a ação coletiva: professores, monitores, funcionários da limpeza, crianças, entre outros, sugerem e participam da apresentação semanal. O que era sonho e inspiração de um, virou orgulho e alegria de todos.

Compartilhando experiências

A “Hora Encantada” não está alicerçada nos temas trabalhados em sala. Essa relação pode até existir, mas não é o primordial. “O foco é a literatura, o deleite, o prazer, mas quando um professor faz um pedido, a gente procura integrar. Mas é importante não deixar a história virar conteúdo”.

A Escola Classe 11 de Planaltina só atende a Educação Infantil e lá a literatura é uma estratégia de aproximação. As crianças se aproximam dos funcionários e os pais se aproximam da Unidade Escolar. Em uma prática comum na Educação Infantil, as crianças levam livros para casa e quando voltam para a Unidade Escolar, trazem, além do livro, uma experiência familiar de vivência com as histórias e um registro a ser compartilhado com os colegas. A diferença está na maneira como o portador da Sacola Literária é recebido na sala de atividades. Cada professora inventa uma maneira diferente de coroar esse momento de partilha. Alguns montam tronos, cadeiras enfeitadas, baús, palcos, e o que mais a imaginação permitir.

Aliás, imaginação é o que não falta aos professores desse contexto educativo, que ano após ano, estão mais dedicados e unidos. Eles devem estar levando a sério o que viram acontecer na história, “O grande Rabanete”, que homenageou o centenário de Tatiana Belinky, na “Hora Encantada” de hoje: uma bela mensagem sobre a importância do trabalho em equipe, música, interpretação e boa literatura.

Para falar com a Unidade Escolar:

Endereço: Qd 05 - Ae 01; Jardim Roriz; Brasília
Telefone: (61) 3901- 4452
E-mail: ec11planaltina2015@gmail.com

Valdério Costa

Ana Neila Torquato

Jardim de Infância Casa de Vivência – Planaltina

Já pensou em entrar em uma instituição de Educação Infantil e encontrar a Chapeuzinho Vermelho, sua Vovó e o Lobo Mau no jardim? Momentos deliciosos e estimulantes como esse são rotina no Jardim de Infância Casa de Vivência de Planaltina. Lá, os personagens da literatura brasileira e universal ganham vida e atenção em muitas ações e todos os lugares: nas interpretações teatrais, nas contações de histórias, nos laboratórios literários, no empréstimo dos livros, na sala de fantasias, no gramado...

Tanto verde nos convida para ficar do lado de fora e aproveitar, mas a curiosidade por descobrir o que a casa guarda também é imensa: salas de atividades bem pequenas já foram quartos. Os armários e piso de madeira, do tempo em que a casa era a residência do administrador da cidade, estão por si só, cheio de histórias. Foi justamente a falta de espaço em sala de atividades, o grande diferencial para a criação da Proposta Pedagógica.

Na Casa de Vivência, a literatura é, desde 2009, a mola propulsora das atividades desenvolvidas durante o ano e várias ações são desenvolvidas com o objetivo de aliar literatura de qualidade ao desenvolvimento do Currículo em Movimento e seus Campos de Experiência.

Quinzenalmente, no momento coletivo da entrada das crianças, uma história é apresentada e, nas duas semanas que se seguem, atividades ligadas a essa história são desenvolvidas. Este é o projeto Senta que lá vem história. Segundo a Coordenadora Nice Cardoso, “A gente trabalha para que diante de uma história que foi contada lá fora, a criança possa vivenciar dramatizando, brincando, fazendo artes. Com isso conseguimos eliminar quase que totalmente as cópias. Sempre comentamos que quando se tem projeto não há tempo para atividades xerocopiadas. Aqui as crianças não ficam muito tempo em sala, quando ficam, as produções envolvem artes e desenvolvimento de habilidades”.

A participação dos pais começa logo no início do ano letivo, quando são convidados a participar de uma reunião para conhecer o projeto, os espaços do contexto educativo e ouvir histórias, é claro! Eles podem assistir às apresentações, vir e contar histórias e, apresentar um pouco de sua rotina para a turma de seu filho, ao longo do ano.

Na Casa de Vivência não há sala de leitura, mas ela está presente em todos os espaços. A sala de fantasias, por exemplo, é, semanalmente, visitada pelas crianças. Lá, elas aproveitam para manusear cerca de 20 a 30 títulos que estão sempre à disposição. Os livros são trocados semanalmente, para que ao longo do ano, as crianças convivam com o maior número de histórias possíveis.

Um bom acervo de livros conquistado com incentivos do governo e doações dos pais, estão na sala de coordenação, que é também, a sala de brinquedos. Tudo misturado, numa organização bem particular e num movimento que dá vida, dá vez à autonomia e ao protagonismo das crianças.

Impossível falar em protagonismo sem nos referirmos ao Projeto “Meu nome e muitas descobertas”. Nele, cada criança tem uma semana especial para escolher seu livro favorito e levar para casa e toda a turma conhece um pouco melhor o colega: do que gosta e o que pensa sobre determinado assunto...

Com tantas ideias e ações interessantes, que vinculam criança, arte e literatura, fica fácil entender porque a Chapeuzinho Vermelho e outros personagens maravilhosos estão sempre por lá.

Para falar com a Unidade Escolar:

Endereço: Ae 09, St. de Áreas Especiais Norte - Planaltina, DF, 73340-710
Telefone: (61) 3901- 4462
E-mail: jicvivencia2015@gmail.com

Ana Neila Torquato

Mary Leal

Jardim de Infância 302 Norte – Plano Piloto

Hoje tem espetáculo? Tem sim Senhor!!!

Apesar de algumas ações ligadas ao Projeto de Literatura estarem, momentaneamente, abrandadas por falta de um professor que fique à frente da sala de leitura do Jardim de Infância, a coordenação e a equipe gestora conseguem sustentar os malabares no ar, em prol do acesso das crianças à literatura.

Nas salas de aula há grandes caixas com diferentes títulos. Eles podem ser levados, semanalmente, para casa e o ponto alto dessa ação, acontece quando todas as crianças já entraram em contato com todos os livros e, a partir daí, fazem uma eleição com o objetivo de escolher o melhor livro da caixa. Feita a escolha, crianças e professora realizam um trabalho bem específico e especial sobre aquele determinado texto, explorando todas as suas possibilidades. Esse trabalho é apresentado em uma espécie de "Sarau Literário", em que as crianças contam histórias usando corpo, música, desenho, voz e o coração.

Em um momento de pleno deleite, crianças e professora manuseiam, comentam e brincam, por meio da leitura de livros. É o "Eu e Você lemos". Nesta ação, a professora leva as crianças para a sala de leitura, mas não lê para elas. Dentre os objetivos estão: o exercitar a autonomia das crianças e o gosto por estar com os livros.

Semanalmente, as crianças participam da "Hora do Conto" na sala de leitura. Esta atividade é preparada e executada pela coordenação e equipe gestora. Ela pode ser finalizada logo após a contação, com uma conversa sobre a história/livro, ou continuar na sala de atividades, junto com a professora regente, com proposta de colagem, pintura, reconto ou a dinâmica do "desenho presente", em que o intuito é desenhar no caderno do colega para presenteá-lo.

Segundo a professora Paola Aragão, a coordenação e equipe gestora, conseguem, desde o ano passado, trabalhar, na "Hora do Conto", temáticas voltadas à Plenarinha. A ideia sempre foi, que esse momento especial na sala de leitura, fosse o início de uma dinâmica que una a literatura à brincadeira – eixo integrador da Educação Infantil. Este ano, a programação está pensada para que a ida das crianças à sala de leitura, seja um passeio especial pela terra das histórias. Seguindo a tradição do projeto, este ano, todas as turmas fa-

Mary Leal

rão um texto coletivo sobre as aprendizagens durante todo o ano letivo. Tanta lindeza se transforma em um livro escrito coletivamente e ilustrado por cada turma. Daí é só organizar o momento dos autógrafos.

Por falar em autógrafos, os pais, principais fãs dessa meninada, costumam participar de todo esse movimento e, além de aplaudir cada avanço dos pequenos, eles são convidados a ler em casa e fazer o registro da experiência da leitura em família. Nas sextas-feiras, todas as crianças levam um livro para casa. Está aí a garantia de um pouco de história no fim de semana.

E quando os pais querem mais emoção, basta esperar o circo ser montado no Jardim de Infância da 302 Norte. O projeto acontece anualmente e reúne literatura, dança, teatro e muitas palhaçadas. Criança vira palhaço, bailarina, trapezista, malabarista, mágico... É a imaginação em pleno voo... Afinal, como diz Chico Buarque, "O espetáculo não pode parar!"

Para falar com a Unidade Escolar:

Endereço: Sqn 302 - Ae, SHCN, Brasília - DF, 70723-000
Telefone: (61) 3901-7587
E-mail: jardimdeinfancia302norte@gmail.com

Mary Leal

Centro de Educação Infantil 304 – Recanto das Emas

Mary Leal

Ao ouvir o nome do Projeto Literário do CEI 304 do Recanto das Emas, “Embarcando numa aventura literária”, é fácil lembrar do diálogo entre Alice e o gato, dois dos mais famosos personagens de Lewis Carroll e da literatura infantil: “No decorrer da viagem, Alice encontra muitos caminhos que seguiam em várias direções. Em dado momento, ela perguntou a um gato sentado numa árvore: - Podes dizer-me, por favor, que caminho devo seguir para sair daqui? – Isso depende muito de para onde queres ir – respondeu o gato”.

E então, para onde embarcaremos nessa aventura literária? Para onde queremos ir? No CEI 304, certamente a aventura nos levará para um mundo onde a arte abraça as histórias. No caminho poderemos encontrar literatura numa sacola, nas salas de atividades, na sala da coordenação e no pátio desse contexto educativo.

Todas as sextas-feiras uma criança da turma leva para casa uma sacola com livro escolhido por ela. Durante o final de semana, juntamente com a família, lê a história e na segunda-feira, compartilha a leitura com os colegas e a professora. É a hora em que o leitor vira contador de histórias! É a hora em que a família vivencia a experiência com livros e personagens.

Nas salas de atividades, uma estante de livros faz parte do ambiente. Lá todo dia é dia de decidir que caminho tomar em busca das descobertas que moram nos contos e recontos.

Na sala da coordenação estão à disposição das professoras, um armário com bons títulos e uma estante com livros selecionados pelas coordenadoras, para o projeto que realizado no momento, “estão lá como sugestão de leitura para as professoras, não como obrigatoriedade de uso em sala de aula”, esclarece a professora Eneida Pessoa, Diretora do CEI 304.

No pátio é possível ouvir histórias contadas pelas crianças e suas professoras. Toda sexta-feira tem novidade na “Hora da história”: fantoches, varetas, teatro de sombras, bonecos, aventais, música. Tudo pode acontecer, afinal estamos no território da imaginação.

A professora Bárbara Farrah, começa a história dizendo que, “No mundo da imaginação não há porta, nem janela, qualquer momento tudo pode acontecer. Lá no mundo da imaginação tem barulhos bem pequenos que só conseguimos ouvir quando prestamos atenção”. Seguindo a sugestão da contadora da vez, as crianças ficam atentas, participam e assistem aos colegas interpretando a história. O que chama atenção além do charme da Dona Baratinha? O elenco formado por adultos e crianças de diferentes turmas, a musicalidade e o empenho de um trabalho em equipe. É o ciclo das histórias se cumprindo, uma vez mais. Elas uniram os nossos antepassados em volta da fogueira e agora une o CEI 304 no pátio, para juntos, continuarem contando e escutando.

Na hora da despedida, um tchau ou até outra vez não é suficiente. No mundo da imaginação há um vocabulário próprio, um jeito diferente de organizar a espera e aqui a melhor forma é guardar no coração, um pouco do “pozinho de pirlimpimpim”. Essa mania é antiga e Monteiro Lobato já ensinou que podemos precisar dele para embarcar na próxima aventura literária.

Se você ficou curioso e também quer embarcar nessa aventura, visite a Mostra Literária do CEI 304 do Recanto das Emas, agendada para 28 junho ou venha conhecer o Joãozinho e a Mariazinha, que adoram ler e brincar no pátio. Eu bem queria falar mais sobre eles, mas não posso. É que essa já é uma outra história...

Para falar com a Unidade Escolar:

Endereço: 304 14A - Recanto das Emas, Brasília - DF, 72621-115
Telefone: (61) 3901-3659

Mary Leal

Centro de Educação Infantil 01 – São Sebastião

Mary Leal

Na entrada do CEI 01, um imenso mural dá as boas-vindas, com um imenso livro de histórias de onde saem príncipe, princesa e um imenso pé de feijão. De lá, quem mais sairá? Será que os outros personagens dos clássicos infantis passeiam aqui e acolá?

Nem é preciso esperar muito para descobrir que outros personagens estão por ali: Branca de Neve, Patinho feio, Pinóquio, Alice, Cachinho Dourado e os ursos, tomam conta dos murais, das atividades, das brincadeiras, das conversas e das rodas de histórias.

A professora Cleyde Sousa, Vice-diretora, diz, "Não temos biblioteca ou sala de leitura, mas temos um olhar cuidadoso para a Literatura". A instituição educativa alia a literatura ao trabalho para alcance dos direitos de aprendizagem dos pequenos. Este ano, considerando a temática da VII Plenarinha, o planejamento abarca o mergulho nos Campos Experiência da Educação Infantil por meio dos Contos Clássicos, dos Autores Brasileiros e Brasilienses, das lendas e contos e da criação das crianças com o "Tudo que vi e escrevi".

Com professores agentes de literatura e a utilização de instrumentos para registro (Álbum da Vida e Portfólio) bem planejados, é possível proporcionar a vivência com a literatura e, ao mesmo tempo, incentivar que as crianças registrem a própria história.

Na utilização dos Clássicos Infantis, chama atenção o material de excelente qualidade: boas traduções, o nível estético das ilustrações e histórias completas fazem a diferença. Sobre a necessidade de conhecimento mais aprofundado da equipe para a viabilização de um trabalho significativo acerca dos clássicos, a Professora Arinalda Ramos, Coordenadora Intermediária da Regional de Ensino que acompanha a Unidade Escolar, afirma que, "A pegada do projeto é justamente essa: antes do projeto ir para a sala de aula de fato, as coordenadoras fazem um trabalho de formação com o professor".

A supervisora pedagógica Tatiane Lima, diz que no trabalho com autores brasileiros e brasilienses, o objetivo é aproximar os autores e crianças, "a ideia é trabalhar os autores mais conhecidos, mas trazer também, autores brasilienses, porque ao ouvirem as histórias e verem que a pessoa existe de verdade, as crianças verão que eles também são capazes".

O trabalho com contos e lendas acontecerá, simultaneamente, ao mais antigo e conhecido projeto da instituição educativa: Projeto de valorização da Cultura Afro-Brasileira e Indígena, como a Plenarinha, ele está na VII edição. Com diversas ações, o projeto visa proporcionar condições às crianças e professores de apropriarem-se de novos saberes sobre a história e a cultura Afro-brasileira e Indígena.

Por último, mas de fundamental importância para o protagonismo infantil, o projeto "Tudo o que vi e escrevi", abre espaço para que as crianças mostrem o que realizaram, viram e contaram durante o ano. Certamente, teremos boas histórias pela frente.

Inspirados no diálogo do Clássico, "Alice no país das maravilhas", quando uma lagarta perguntou a Alice quem era ela, fico pensando que se essa pergunta fosse feita ao CEI 01 de São Sebastião, a resposta seria: Um lugar cheio de projetos interessantes, que busca oferecer literatura de qualidade às suas crianças e professores. Vale a pena conhecer!

Para falar com a Unidade escolar:

Endereço: Q. 101 Conj 10 S/Nº Bairro Residencial Oeste
Telefone: (61) 3901-7711
E-mail: infantilssebastiao@hotmail.com

Mary Leal

CEPI Capim Estrela – Samambaia

Mary Leal

Você sabe o que uma história é capaz de fazer? Ela pode transformar uma caixa de madeira em um grande baú colorido e mágico. E pode, ainda, fazer sair de lá surpresas divertidas, todos os dias.

Você sabe que as histórias, também podem transformar as pessoas? Isso mesmo. Hoje, professoras contadoras de histórias se transformaram em lindas borboletas. Foi a metamorfose mais colorida que alguém poderia presenciar. E sabem quem estava lá vendo tudo acontecer? Os mais de 100 bebês e crianças bem pequenas do CEPI Capim Estrela. Eles estavam atônitos, hipnotizados e prestavam atenção nos movimentos, nas cores, nos diferentes timbres de voz usados pela narradora. Um espetáculo no qual a plateia, era um show à parte.

É importante mencionar que os bebês são incluídos em todas as atividades de literatura: brincam, ouvem músicas, divertem-se enquanto escutam histórias e folheiam (a seu modo) os livros.

Ouvir música, ouvir histórias, ouvir o outro. São essas simples ações presentes na rotina na formação de uma plateia de bons ouvintes. Acreditando nisso, professores usam o pátio, a brinquedoteca, os espaços ao ar livre para a mediação de leitura ou contação de histórias com outros recursos além dos livros infantis. Segundo a Professora Carla Ferreira, “Nosso projeto literário é desenvolvido durante o ano inteiro e não acontece somente pelo contato com os livros, mas pelas contações, o teatro, os fantoches e todos os outros instrumentos que a gente possa usar para fazer as crianças vivenciarem as histórias”.

Além do tal baú, que de tão grande, ganhou rodinhas para passear de lá para cá, e visitar as turmas nas salas de atividade e na versão atual, está todo coberto de feltro colorido e serve, muitas vezes, como cenário das histórias, o CEPI dispõe de outro acessório que faz sucesso com a meninada: a tenda literária. A tenda é uma cabaninha em forma de casa que é montada a cada dia em uma sala de atividades diferente e anda pelos diferentes ambientes do contexto educativo, levando livros para serem lidos, manuseados, comentados, queridos...

A pequena brinquedoteca é lugar importante no CEPI e está recheada de estímulos. Ali, brinquedos e livros se misturam, e um modesto cantinho da leitura foi organizado. A intenção é que as crianças usem a sala para ouvir histórias, fazer releituras, interpretar e vivenciar as outras e suas próprias histórias.

O desejo é que no baú, em meio aos brinquedos, no banho ou no solário, as borboletas coloridas que nascem das histórias nunca parem de voar no CEPI Capim Estrela e que os pequenos leitores de lá alcem voos bem mais altos e formem plateia participativa, construindo e contando muitas boas histórias vida a fora.

Para falar com a Instituição Educacional Parceira:

Endereço: QS 613 Área Especial nº 2 - Samambaia Norte, Brasília - DF
Telefone: (61) 3459-7132
E-mail: cepicapimestrela@gmail.com

Mary Leal

Jardim de Infância 116 – Santa Maria

Mary Leal

Na primeira coletiva do Jardim de Infância 116 de Santa Maria, professores e servidores ganharam um presente inusitado: um grande pirulito em forma de varinha de condão. A varinha de condão é um objeto lendário, usado desde sempre, nas histórias infantis como símbolo de magia. Mas que magia seria essa? A magia das histórias, é claro! Assim, professores e servidores transformaram-se em fadas madrinhas e guardiões dos contos e dos recontos de um grande projeto chamado "1,2,3, Conte outra vez". As histórias são o fio condutor do trabalho pedagógico desenvolvido pela equipe do Jardim de Infância 116.

Neste contexto educativo, fadas madrinhas e guardiões contam histórias e encantam crianças, estejam elas onde estiverem: na sala de atividade, no pátio, na sala de leitura, no jardim, na sala campestre.

Mary Leal

Sala campestre? Para aulas de culinária, horta e contação de histórias, as fadas imaginaram um lugar ao ar livre. Para isso, contaram com o Sr. Ismael, jardineiro escolar, que cultiva flores e ideias geniais, mesclando reaproveitamento e arte. Em suas mãos, placas de madeira, pneus e plantas se harmonizam e se transformam. É preciso ir lá para conhecer!

A ideia do jardim continua na ampla sala de leitura, que possui um cantinho delicioso em forma de árvore frondosa. Uma árvore cercada de livros e histórias, que há de dá bons frutos, não acham?

Bimestralmente, a Hora do Conto acontece ali, embaixo da árvore, num cenário de sonhos. As professoras Sandra Fontinelle e Joelma Fernandes apresentam histórias, especialmente selecionadas, para esse momento. Os temas das histórias são escolhidos pelas crianças em uma plenária.

Seguindo a ideia da escuta sensível das crianças sobre os temas de seu interesse, suas curiosidades e o que gostariam de aprender, o Jardim de Infância organiza uma plenária anual (no mês de novembro). Na ocasião, as crianças falam, registram e apresentam suas opiniões. Baseados nas colocações das crianças, a equipe Gestora e professores organizam o trabalho do ano seguinte.

A plenária abre possibilidade de avaliação do trabalho desenvolvido durante o ano corrente e o início do planejamento do ano seguinte: tema gerador, escolha de títulos literários, passeios, festas, investimentos futuros, todas as ações pedagógicas nascem em uma plenária com as crianças. Segundo as Gestoras Wilca Taguatinga e Leila Zeidan, "as histórias são tão ricas que podemos trabalhar os campos de experiência dentro delas. Podemos trabalhar vários temas, elas são adaptáveis. A Educação Infantil está naturalmente ligada às histórias".

Outra iniciativa que chama a atenção, dentro do projeto maior desse contexto educativo, é o, "Ei, lê para mim?". Depois de uma conversa com a professora Mary da Paz, as crianças levam, para casa, uma sacolinha com livro e um diário de bordo, onde juntamente com a família, farão o registro de suas impressões sobre o livro. É importante ressaltar que nessa experiência, todas as crianças levam na sacolinha o mesmo livro. A troca da obra literária é realizada mensalmente. A intenção é que todos tenham a mesma oportunidade de acesso aos títulos.

Dentro da esperada sacola pode haver uma surpresa extra. A escola costuma trabalhar com mascote (bonecos de pelúcia dos personagens dos livros) que vão passar o dia na casa de cada criança. Eles têm a missão extra de acompanhar as atividades rotineiras de higiene, brincadeiras, alimentação, além do momento da leitura e do registro de um dia especial.

Um grande projeto, várias ações e esmero na organização de cada uma delas. Pelo visto, essas fadas madrinhas da literatura terão um grande trabalho ao longo do ano. Que ele seja doce como os pirulitos que formam suas varinhas de condão!

Para falar com a Unidade Escolar:

Endereço: QR 116 - Santa Maria Norte, Santa Maria - DF, 72546-408
Telefone: (61) 3901-8247
E-mail: coordenaedinfantil@gmail.com

Compartilhando experiências

Mary Leal

Centro de Educação Infantil 04 - Sobradinho

Logo na entrada do CEI 04 de Sobradinho tem um painel que mais parece um portal. Será uma simples pintura colorida onde aparecem castelo, princesas e bruxas ou uma passagem para o mundo de histórias infantis?

Para saber a resposta você precisa conhecer, pelo menos, um pouquinho de como a literatura movimenta as crianças e dinamiza as ações pedagógicas desse pequeno grande contexto educativo.

Para Leslie Maroccolo, diretora do CEI 04 de Sobradinho, “o Lúdico e as histórias são as bases da escola”. E não é preciso fazer esforço para visualizar isso. As salas de atividade, apesar de coloridas e arejadas não tem espaço para cantinhos de leitura, mas elas abrigam, uma caixa lotada de títulos que podem ser manuseados e levados para casa semanalmente.

Além das obras presentes em cada sala, há uma grande caixa encantada, com os livros que esperam ansiosos a oportunidade de visitar a casa de cada uma das crianças. Nessa ação literária, os pequenos levam o livro e quando voltam, trazem uma boa história para contar aos amigos. Quem era só leitor se transforma em contador de histórias. Eis, uma mágica que só as narrativas e as boas práticas educativas podem fazer.

A participação da família no preparo da contação de histórias pelas crianças é fundamental para a realização e desenvolvimento desse momento especial. A leitura compartilhada, em casa e nos demais contextos educativos, são imprescindíveis na constituição do sujeito leitor.

Para compensar a falta da sala de leitura, o CEI 04 segue a premissa de que todos os espaços devem ser aproveitados, isso inclui a parceria com a Biblioteca Pública Rui Barbosa, que fica a poucos metros.

Ao visitar a Biblioteca é possível conhecer a sala de leitura “Barbosinha”, uma sala especialmente preparada para as crianças, com um excelente acervo, emborrachados coloridos e momentos de contação de história. Segundo a professora Jeane Rodrigues, responsável pelo projeto até o ano passado, “As crianças são levadas para lá e já vão em estado de alegria total. Há a construção do conhecimento de como se comportar no espaço de biblioteca. O espaço da contação de histórias lá, é de puro deleite, ou da dor, ou da angústia, ou da perda, que é o que a literatura promove”.

Sem a pretensão didática de aliar histórias a conteúdos, o CEI 04 consegue, na parceria com a Biblioteca Pública, proporcionar às crianças a vivência com a literatura e com a comunidade leitora, como toda a criança merece e precisa para se sentir participante e protagonista dos espaços de sua cidade.

A Biblioteca Rui Barbosa, com sua parede mutante, é a eterna casa da coruja Martinha e de outras tantas histórias, um dos importantes elos numa parceria regida por profissionalismo e encantamento.

Outra participação mais que especial no desenvolvimento do projeto literário do CEI 04 de Sobradinho é a possibilidade de parceria com professores e estudantes do Centro de Ensino Médio 01 de Sobradinho. Adolescentes e crianças convivem e crescem juntos, unidos pelas narrativas e pela arte. Enquanto os jovens revisitam as suas infâncias, pesquisam, leem e usam a arte na interpretação de textos e criação de cenários para contar histórias para os pequenos, estes se deliciam com a energia e o entusiasmo dos adolescentes.

E se você acha que acabou, é porque nunca assistiu a uma contação de histórias na sala, no pátio, no parquinho… ali qualquer hora é hora, qualquer lugar é lugar. As professoras usam fantoches, dedoches, fantasias para que todos embarquem em outros projetos por meio da leitura.

Neste lugar em que as vivências, dentro e fora, são instigadas, descobrimos que o portão da escola e o caminho pela biblioteca, podem sim, ser a entrada para o mundo fantástico da literatura infantil.

Para falar com a Unidade Escolar:

Endereço: Quadra 04 Área Especial Nº4 - Sobradinho
Telefone: (61) 3901-3782
E-mail: cei04sob@gmail.com

Mary Leal

Escola Classe 12 – Taguatinga

Mary Leal

O som de uma cantiga entoada por uma professora e as crianças, o colorido de uma casinha de bonecas e dos brinquedos do parque, mostram que estas práticas não são exclusivas da Educação Infantil, mas de todos os espaços que pensam a infância com carinho e cuidado.

A Escola Classe 12 de Taguatinga tem um belo trabalho em prol do fortalecimento do processo de transição entre Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Sem turmas de Educação Infantil desde 2017, as crianças da escola são beneficiadas com projetos de brincadeiras no recreio, música e muita contação de histórias.

A professora Hozana Costa, Supervisora Pedagógica e escritora de livros infanto juvenis diz, “Eu acredito no poder das histórias, é um poder transformador” e contando com duas professoras readaptadas, Joana Ferraz e Ana Paula Goulart, desde 2017, elas desenvolvem o projeto de literatura intitulado, “Quem conta encanta”, que apresenta histórias quinzenalmente no pátio, mas que tem também, uma sala

Compartilhando experiências

especialmente estruturada para o projeto. Lá, elas preparam cenários, figurinos, criam, adaptam e contam histórias que divertem e encantam adultos e crianças.

O objetivo, segundo Joana Ferraz, que está à frente do projeto há pouco mais de dois anos, é despertar o gosto pela leitura, “A gente conta a história para que a criança queira reler, tenha curiosidade, sinta desejo de estar com os livros. As histórias são também, o pontapé inicial para o trabalho do professor”.

Segundo Hozana, a escola deu um salto de qualidade nos últimos anos e a vivência com as histórias modificou o perfil do leitor neste contexto educativo, “Se você pudesse ver as produções de texto e a capacidade de leitura das crianças do nosso primeiro ano, você não acreditaria. Eles são apaixonados pelos livros!”.

A relação com os livros é estimulada por meio das histórias e vivências na sala de leitura, que apesar de pequena, proporciona às crianças o manuseio e o empréstimo de livros escolhidos a dedo, pela equipe da escola. Bons títulos estão dispostos de forma bem acessível em uma parede inteira, dando um colorido especial à pequena sala orquestrada pelas professoras Márcia Barbosa e Célia Rodrigues.

Um dos pontos positivos da sala de leitura da escola é a personalidade leitora das professoras que cuidam, organizam e conhecem bem todo o acervo, conseguindo sugerir títulos para as crianças e para os colegas, reforçando a ideia de que todo professor deve ser um consumidor leitor.

O grande interesse pelos livros e pelo processo criativo que o envolve, tem um lugar especial na “Mostra Literária”, realizada anualmente, com autores da cidade. A Professora Hozana afirma que “O objetivo é desmistificar o autor como uma figura super-mega inteligente. Ele é uma pessoa comum e se ele pode escrever um livro, você também pode. As crianças acham que os escritores são seres inatingíveis e não são”.

A Mostra Literária é mais um passo para a valorização do livro impresso e do contato com escritores. “Já estamos no quinto ano do projeto. Inicialmente os professores escolhem um título de um escritor de Brasília, trabalham durante o ano, assim se tornam leitores também. É impossível não se encantar pelo projeto. As crianças adquirem o livro e no dia da “Mostra” as salas são transformadas em cenários, os escritores vêm, conversam com as crianças e autografam os livros”, complementa a Supervisora Pedagógica.

Depois do que vimos e ouvimos é possível pensar que a Escola Classe 12 de Taguatinga deixou de ser, há algum tempo, uma simples escola. Ela é fábrica, é camarim, é palco, é cenário, é texto, é artesanato, é imaginação de um grupo que faz voar alto as pipas que enfeitam o mural e nos fazem viajar por todas as possibilidades de uma boa história.

Para falar com a Unidade Escolar:

Endereço: QNH 6/7 Área Especial. Taguatinga Norte.
Telefone: (61) 3901-6742
E-mail: escolaclasse12tag@gmail.com

Mary Leal

Cronograma

Janeiro

- Divulgação do tema: Brincando e Encantando com Histórias. (Circular SEI-GDF nº11/2019 – SEE/ GAB/SUBEB, de 24 de janeiro de 2019).

Fevereiro

- Estudo do tema e início do desenvolvimento do projeto nas escolas.

Março

- Estudo do tema e continuação do desenvolvimento do projeto nas escolas.

Abril

- 1º Dia de Formação da Educação Infantil com o tema: Brincando e Encantando com Histórias.
- Lançamento do Caderno da Plenarinha.

Maio

- Desenvolvimento do projeto nas escolas.

Junho

- Desenvolvimento do projeto nas escolas.
- 35ª Feira do Livro de Brasília: “Biblioteca: espaço do prazer e do ler” (06 a 17/06).

Julho

- Desenvolvimento do projeto nas escolas.
- Recesso.

Agosto

- Desenvolvimento do projeto nas escolas.
- Semana Distrital da Educação Infantil.
- Plenárias locais.

Setembro

- Desenvolvimento do projeto nas escolas.
- Plenárias Regionais.

Outubro

- Desenvolvimento do projeto nas escolas.
- Semana Nacional do livro e Biblioteca (23 a 29/10).
- Plenária Distrital.

Novembro

- Avaliação da VII Plenarinha da Educação Infantil.

Vamos registrar...

O Registro

O Registro das atividades realizadas no dia a dia da escola mostram o percurso da nossa prática pedagógica. Dessa vez o seu registro contará a história da sétima edição do Projeto Plenarinha. Você e sua turma estão convidados a imaginar juntos o enredo desse ano de trabalho:

Que histórias vamos contar? Que personagens vamos conhecer mais a fundo ou até inventar? Que escritores e ilustradores podem estar conosco por meio de suas obras ou até pessoalmente? Podemos, nós mesmos, escrever e ilustrar nossos livros? Que tal autografálos? Essas são algumas das muitas perguntas que podem dar início a uma grande história de amor e respeito pela Literatura.

Enquanto trabalham, aprendem, leem e se divertem juntos, aproveite para registrar por meio fotos, vídeos e nas produções das crianças, as narrativas e escutas desse caminho. Organize os materiais de forma a compor uma mostra visual para as Plenarinhas Locais, Regionais e Distrital. Outras escolas vão gostar de conhecer o que você e sua turma criaram inspirados pelos encantamentos que a Literatura proporciona.

“Brincando e Encantando com Histórias” pretende inspirar e movimentar a sua escola para a ampliação do repertório e de práticas voltadas à Literatura e seus encantos:

… e tudo mais o que você, sua equipe e crianças inventarem.

Depois de tudo, certamente, vocês terão muitas histórias para contar...

Referência

ADICHIE, Chimamanda. O Perigo de uma História Única. Disponível em: phttp://www.ted.com/talks/lang/por_br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html. (s.d.). (último acesso em dez/2012).

ALPHEN, Pauline. A Odalisca e o Elefante. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ALVES, Rubem. Entre a ciência e a sapiência, o dilema da educação. São Paulo: Loyola, 1996.

AMARAL, Arleandra Cristina Talin do. A infância pequena e a construção da identidade étnico-racial na educação infantil. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2013.

BARROS, Manoel. Poesia Completa. São Paulo: LeYa, 2013.

BENJAMIN, Walter. Livros Infantis Antigos e Esquecidos. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas, v. 1).

BENTO, Maria Aparecida Silva. Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, CEERT, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC, SEB, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

BRUNER, Jerome. Fabricando histórias: direito, literatura, vida. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 4. ed. São Paulo: Duas cidades; Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004, p. 169-191.

CARMO, Ildete Batista; RODRIGUES, Maria Alexandra Militão. Com quem será que eu me pareço? A construção da identidade étnico-racial na educação infantil. In: SILVA, Kátia Oliveira da. (Org.). Infâncias, Histórias e Emoção: processos imaginativos em narrativas de crianças. Curitiba: CRV, 2018.

CAVALCANTI, Joana. Caminhos da Literatura Infantil e Juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.

CAVALLEIRO, Eliana. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2006.

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. (Com) Textos em Escuta Sensível. Brasília: Thesaurus, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF. Currículo em Movimento da Educação Básica – Educação Infantil. 1a ed. Brasília, 2013.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF. Currículo em Movimento do Distrito Federal – Educação Infantil. 2a ed. Brasília, 2018.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez, 1989.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Crianças e Cultura da Escrita. In: Linguagem Oral e Escrita na Educação Infantil: Práticas e Interações. v. 4. MEC/SEB, 2016.

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 75-92, maio/ago, 2011.

HORN, Maria da Graça Souza. Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre. Artmed, 2004.

LEONTIEV, A. N. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 8ª ed. São Paulo: Ícone, 2001, p. 119-142.

MACHADO, Regina. Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCI Editora, 2004.

MACHADO, Maria Zélia Versiani. Um diálogo com práticas pedagógicas de alfabetização e letramento de crianças de seis anos. In: MACIEL, Francisca Izabel Pereira; BAPTISTA, Mônica Correia; MONTEIRO, Sara Mourão. A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos: orientações para o trabalho com a linguagem escrita em turmas de crianças de seis anos de idade. Belo Horizonte: UFMG/FaE/CEALE, 2009.

MACHADO, Maria Zélia Versiani; CORRÊA, Hércules Toledo. Literatura no ensino fundamental: uma formação para o estético. In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Língua Portuguesa: ensino fundamental – Coleção Explorando o Ensino. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, v. 19.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. (Org.). Educação Infantil: muitos olhares. São Paulo: Cortez, 2010.

OLIVEIRA, Paula Gomes. Trabalho Pedagógico com Histórias Inventadas: narrativas, imaginação e infância. Curitiba: CRV, 2016.

PERRONI, Maria Cecília. O desenvolvimento do discurso narrativo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. As crianças: contextos e identidades. Braga: CESC/Universidade do Minho, 1997.

RODRIGUES, Alexandra. O nome das coisas. Brasília: Thesaurus, 2004.

_____. A minha vó botou um ovo. Crônicas. Brasília: Thesaurus, 2007.

SISTO, Celso. Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias. Chapecó: Argos, 2001.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento. 5a ed. São Paulo: Contexto, 2008.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de educação infantil. Tese de Doutorado. São Paulo: Pontífice Universidade Católica de São Paulo, 2011.

VALLS, Renata Pacini. O Plano Nacional do Livro e da Leitura – PNLL e o Plano do Distrito Federal do Livro e da Leitura – PDLL: expectativas sobre a ampliação dos espaços de leitura em sala de aula. 2013. 80, [5] f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Coordenação Pedagógica)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

VIERA, Débora Sales. Imaginação em ação: criando e recriando histórias na Educação Infantil. Com Censo – Estudos Educacionais do Distrito Federal, Brasília, v. 5, n. 2, 2018, p. 139-145.

VIGOTSKI, Lev. Psicologia da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Imaginação e criação na infância. São Paulo: Ática, 2009.

_____. Psicologia Pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

WEIL, Pierre; TOWPAKOW, Roland. O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal. 72a ed. São Paulo: Vozes, 2013.

YUNES, Eliana. A arte de contar histórias e as práticas de leitura. In: A Arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. 1a ed. São Paulo: Cortez, 2012.

Secretaria
de Educação

GDF
É tempo de ação.